

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Pedro Augusto Borges Correa

Dubladoo

Florianópolis
2022

Pedro Augusto Borges Correa

Dubladoo

RELATÓRIO TÉCNICO

do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Disciplina JOR 6802 - Trabalho de Conclusão de Curso, professor Fernando Crocomo, Dr.

Orientadora: Profa. Isabel Colucci Coelho, Dra.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra

Correa, Pedro Augusto Borges

Dubladoo / Pedro Augusto Borges Correa ;
orientadora, Isabel Colucci Coelho, 2022.

23 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Dublagem. 3. Audiovisual. 4.
Website. 5. Dubladores. I. Colucci Coelho, Isabel. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Jornalismo. III. Título.

Pedro Augusto Borges Correa

Dubladoo

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo.

Florianópolis, 14 de junho de 2022.

Prof. Samuel Pantoja Lima, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Isabel Colucci Coelho, Dra.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Valentina da Silva Nunes, Dra.
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Fernando Antonio Crocomo , Dr.
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Ao meu avô, João Batista Correa, que me viu crescer, mas não viu tornar-se o homem que ele criou pra ser.

Aos dubladores que faleceram de Covid-19, em decorrência da falta de cuidados do poder público com a pandemia:

Christina Rodrigues, 47 anos;

Dário de Castro, 72 anos;

Edson Montenegro, 63 anos;

João Acaiabe, 76 anos;

Júlio Chaves, 76 anos;

Mariana Mirabetti, 39 anos;

Nair Silva, 70 anos.

Ao dublador Isaac Bardavid, que nos deixou em 2022, cuja voz me marcou desde a infância e estará em meu coração e minha memória para sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, força do universo, que me sustentou durante minha faculdade e cuidou para que tudo corresse bem nos momentos de dificuldade, colocando pessoas incríveis em minha vida.

Aos meus pais, José Augusto e Viviani, que me proporcionaram a realização de um sonho, e não hesitaram em me apoiar nesta fase.

À minha irmã, Heloísa, por me ajudar, e do seu jeito particular, me ensinar.

Aos demais familiares pela ajuda e apoio ao longo do tempo: minha avó Lourdes, meu avô Francisco e minha avó Aparecida; meus tios Vanderlei e Elenda, Fernanda e Rodrigo; meus primos Letícia, Felipe, Eliza e Ana.

Aos meus amigos, meus portos-seguros, sem os quais eu não conseguiria viver. Ouvintes dos meus desabafos, divertidores fora de hora e que fazem parte do meu coração: Alexandre, Allan, Carol, Célia, Cinthia, Douglas, Gabriel, Inara, Isabella, João Antônio, João Victor, Klay, Lara, Luiza, Lukas, Magabi, Tatiana e Vinícius.

À minha orientadora, Isabel Colucci, por ter acompanhado minha trajetória, dedicado seu tempo, compreendido meus momentos de fragilidade e, a todo momento, estar disponível.

Aos que foram meus professores e também aos servidores do curso de Jornalismo da UFSC, dispostos a nos ajudar a todo tempo, e que participaram do meu crescimento neste momento da vida: Alisson Machado, Antônio Brasil, Cárilda Emerim, Carlos Henrique Guião, Carlos Locatelli, Daiane Bertasso, Daisi Vogel, Dalton Barreto, Elias Machado, Fernanda Nascimento, Fernando Crocomo, Flávia Guidotti, Gislene Silva, Hendrick, Ildo Golfetto, Jorge Ijuim, Leslie Chaves, Marcelo Barcelos, Marco Antônio, Maria José Baldessar, Melina Ayres, Peter Lobo, Raquel Longhi, Rita Paulino, Roque Bezerra, Samuel Lima, Stefanie Carlan, Tattiana Teixeira, Terezinha Silva, Valci Zuculoto e Valentina Nunes.

À dubladora Angélica Santos, que acompanhou meus passos na produção desse projeto e me recebeu carinhosamente em São Paulo.

Aos dubladores que me atenderam e foram solícitos para entrevistas e à execução do trabalho: Carmen Sheila, Duda Espinoza, Ian Luz, Pedro Alcântara, Rita Lopes e Ulisses Bezerra.

Às equipes dos estúdios que abriram as portas para mim: Milene Luvisom e Sérgio Palomino, da Marsh Mallow; Flora Bezerra, da UniSom; e Marília Prochno, da Vox Mundi.

Aos dubladores Daniel Carrarini e Nizo Neto, que me ajudaram na checagem de informações, mesmo aquelas que não estavam ao seu alcance.

Aos dubladores que, mesmo negando entrevista, por motivos particulares, foram extremamente gentis comigo: Marco Antônio Costa, Márcia Coutinho, Mariângela Cantú, Ricardo Schnetzer, Tatá Guarnieri e Wirley Contaifer.

A todos aqueles que, tendo feito parte dos encontros e desencontros da vida, me auxiliaram de alguma forma a me tornar a pessoa que sou hoje.

“A vida passa muito rápido. E se você não curtir de vez em quando, a vida passa e você nem vê.” — CURTINDO A VIDA ADOIDADO (versão dublada), 1986, adaptado.

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso ‘Dubladoo’ é uma fonte de notícias e conteúdos especializados na área da dublagem brasileira. Sites de conteúdo da cultura pop e geek costumam noticiar apenas falecimentos de dubladores famosos ou acontecimentos extraordinários no mercado da dublagem. Um site voltado para o ramo da dublagem brasileira cobre todo um espaço “vazio” existente na internet, visto que há poucas informações de qualidade disponíveis sobre dublagem, ou então conteúdos pouco confiáveis em sites não conhecidos pelo grande público. Uma nova plataforma pode levar mais acessibilidade a públicos diferentes: tanto àquele que sabe pouco sobre o assunto, como aos que gostam do nicho e buscam notícias e reportagens mais detalhadas.

Palavras-chave: Jornalismo. Dublagem. Audiovisual. Website. Dubladores.

ABSTRACT

This undergraduate final project is proposed to be a good source of news and contents focused in the area of Brazilian dubbing. Geek-contended websites usually cover the subjects concerned to dubbing, but only posting topics that go viral on the internet or Brazilian voice actors that have passed away. A website directed on the events of Brazilian dubbing can create news about situations that aren't noticed and this "void" on the internet, since there is little information about Brazilian dubbing that is trustworthy available or content that is unreliable in unknown websites. A new page could bring accessibility to different audiences, including those who know little about the subject, or people who like dubbing and are searching news and detailed stories about it.

Keywords: Journalism. Dubbing. Audiovisual media. Website. Voice Actors.

LISTA DE TERMOS

No nicho específico da dublagem, existem alguns termos utilizados pelos profissionais que designam determinados objetos, pessoas ou empresas. As palavras que podem estar sendo usadas dentro de um contexto específico estão discriminadas abaixo:

Anel ou loop: Trecho de até 20 segundos usado para fragmentar uma produção audiovisual a ser dublada. Usado também para o cálculo de remuneração dos dubladores. O nome vem da época das películas, onde os filmes físicos precisavam ser cortados manualmente, formando anéis. Em São Paulo é chamado de anel, enquanto no Rio de Janeiro é chamado de loop.

Boneco: ator, atriz ou personagem dublado por um dublador, com frequência ou não. Ex: Reese Witherspoon foi dublada diversas vezes por Angélica Santos. Um dos bonecos de Angélica Santos é Reese Witherspoon.

Casa ou estúdio: local onde as produções são dubladas. Chamadas de “casas”, pois, em sua maioria, os estúdios se localizam em casas reais, alugadas, para que não haja maior dificuldade de localização, e portanto, invasão, devido ao valor de seus equipamentos.

Cliente: o dono do que vai ser dublado. Na maioria das vezes, o distribuidor de alguma produção internacional, podendo também ser seu comprador, que dubla para exibição em seu canal ou plataforma. No caso, é chamado de cliente por ser o contratante do estúdio.

Diretor de dublagem: a pessoa que escala os papéis dos dubladores de determinada obra audiovisual, e explica o material para o ator que vai emprestar a voz. O papel do diretor é mostrar ao dublador como este deve realizar suas inflexões e emoções.

Hora-dublagem: 20 anéis ou loops. Se um dublador fizer menos que 20 anéis em uma produção, recebe o valor inteiro equivalente a 20. A partir de 21, são 2 horas-dublagem.

Obra, produto, produção: qualquer realização audiovisual, podendo ser um filme, uma série, um desenho, uma novela, um reality show, um documentário, em língua estrangeira, que possa ser dublado.

Tradução para dublagem: a tradução para dublagem se diferencia da tradução comum, ou de legendas, pois necessita se atentar ao movimento labial do personagem em tela, bem como o tempo da fala, para que haja o sincronismo.

Versão brasileira: a versão dublada, em português do Brasil, de um produto, com um elenco de atores brasileiros dando voz aos personagens.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA	9
1.1.2 JUSTIFICATIVA DO TEMA E DO FORMATO	10
1.2 OBJETIVOS	10
1.2.1 OBJETIVO GERAL	10
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
2. PROCESSOS DE PRODUÇÃO	12
2.1 PRÉ-APURAÇÃO	12
2.2 APURAÇÃO	13
2.2.1 Fontes de experiência	13
2.2.2 Fontes especialistas	13
3. REDAÇÃO	14
4. EDIÇÃO E REVISÃO	15
5. ILUSTRAÇÕES E DIAGRAMAÇÃO	15
6. RECURSOS E ORÇAMENTOS	16
7. DIFICULDADES E APRENDIZADOS	16
8. CRONOGRAMA	17
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	19
ANEXOS	21

1. INTRODUÇÃO

1.1.1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

Desde as primeiras exibições de filmes no começo do século XX, via-se a necessidade de uma trilha de áudio para compor a história contada, e a melhor compreensão da mesma. Quando os filmes sonoros passaram a existir na década de 30, a necessidade de algum tipo de tradução em tempo real foi rapidamente solucionada com as legendas, já que no cinema mudo havia mecanismos semelhantes.

Apesar da criação de um sistema de sincronismo entre a voz do ator, captada no áudio ambiente, os aparelhos ainda eram muito rústicos, e nem sempre havia qualidade no que fora gravado (MELO; MONTEIRO, 2019).

Com isso, nasceu a dublagem, onde os atores regravavam, em estúdio, suas falas, dublando a si próprios nos filmes que participaram. A técnica se difundiu não só nos Estados Unidos, chegando também a outros países.

A substituição da voz original, ainda chamada ‘dubbing’, por uma versão em outro idioma era comum nos países europeus, em prol de um protecionismo anti estrangeirismos. No Brasil, o primeiro filme dublado foi *Branca de Neve e os Sete Anões*, de Walt Disney, em 1938. Para que o filme fizesse sucesso internacional, o empresário norte americano produziu versões traduzidas do seu filme, e enviou cópias para o Brasil, onde seria então traduzido e adaptado por João de Barro, o Braguinha, com Dalva de Oliveira, a rainha do rádio, interpretando a personagem-título nos diálogos (DE LUNA FREIRE, 2011).

Com a chegada da televisão no Brasil na década de 50, junto às produções audiovisuais compradas dos Estados Unidos, vê-se a necessidade de uma tradução:

“No final da década de 1940 e em meados da década de 1950, a dublagem se expandiu para além de produções de animações e começou a fazer parte também de filmes estrangeiros. Quando boa parte dos brasileiros já podia possuir televisão em casa, a dublagem se tornou ainda mais necessária, pois por causa da má qualidade de transmissão, era muito difícil ler as legendas” (CUNHA, 2012, p.27).

Em 1960, então, surge no Senado Federal o Projeto de Lei nº 37/1960, das mãos de Geraldo Lindgren (DE LUNA FREIRE, 2014), no qual se obrigava que filmes estrangeiros tivessem uma gravação brasileira de áudio em língua portuguesa, bem como a adaptação das músicas. O presidente Jânio Quadros, então, em 1962, decreta a obrigatoriedade da dublagem para todos os programas que não fossem brasileiros (LESSA, 2002).

A partir de então, até os dias de hoje, a dublagem é utilizada em larga escala, tanto no cinema, como na televisão, em canais abertos e também na TV a cabo, além dos streamings,

mais recentes, que continuam com a prática, devido à demanda. BARROS (2006) aponta que existem justificativas para o contínuo uso do recurso, como o grande número de analfabetos no país, ou a dificuldade para a leitura das legendas em aparelhos televisores de pequeno porte. Conforme BARROS (2006) *apud* CAJAÍBA (1997), mesmo países chamados “desenvolvidos”, com baixas taxas de analfabetismo, também é comum o consumo de produtos dublados.

1.1.2. JUSTIFICATIVA DO TEMA E DO FORMATO

Enquanto consumidor ávido de filmes dublados, sempre tive a curiosidade de descobrir quem eram as pessoas por trás das vozes. Ao mesmo tempo, comecei a assimilar quem era quem nas dublagens, principalmente em desenhos animados, quando ainda era criança. A partir disso, a curiosidade virou hobby. Passei a decorar quem eram os principais dubladores dos meus filmes favoritos, bem como animações da Disney e os elencos das versões brasileiras de blockbusters de super-heróis.

Frequentando fóruns da Internet sobre dublagem e grupos de Facebook sobre o assunto, verifiquei um desencontro de informações nas diferentes páginas amadoras existentes que abordam o universo da dublagem brasileira.

Durante uma entrevista com uma dubladora, ainda anterior à produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), perguntei se ela era jornalista, como dizia uma página a seu respeito no Fórum Dublanet, e a dubladora me afirmou ser inverídica a informação.

A partir daí, passei a tomar cuidado antes de usar qualquer tipo de dado existente nesse tipo de site. Os fóruns são alimentados de maneira voluntária e abertamente, de forma similar à Wikipédia, com contribuição livre de anônimos. Dessa forma, há falta de referências concretas, e os elementos que constituem tais páginas são difundidas e replicadas sem possíveis avaliações ou checagens.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste TCC é criar um espaço virtual de fontes confiáveis para suprir a ausência de informação de qualidade sobre dublagem na internet.

1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

A principal ideia para o website Dubladoo é ter uma categoria específica de notícias voltadas ao mercado da dublagem e seus acontecimentos, como escalação de elencos, novos filmes dublados, falecimentos de dubladores e eventos que contem com a presença de dubladores.

Além de propiciar um ambiente online criado por um jornalista responsável, que tenha domínio do conteúdo a ser postado, e que tenha conhecimento da necessidade de averiguação e checagem de qualquer tipo de material noticioso, a proposta deste site também é abranger, de maneira organizada, biografias de dubladores famosos, bem como perfis e entrevistas com dubladores estabelecidos no ramo.

Outra ideia do site também é abrigar uma coluna de críticas de dublagens de produções do meio audiovisual, bem como filmes, séries, desenhos, etc., tendo em vista que, com as novas plataformas de *streamings* e um grande número de obras estreando, haja uma cobrança pública às grandes empresas para que a dublagem continue sendo realizada, e da melhor maneira possível.

Uma seção dedicada a conhecer mais os estúdios também foi de interesse deste aluno, pois pouco se sabe sobre os estúdios atuantes no mercado de dublagem brasileiro, com exceção daqueles que já faliram, como a Herbert Richers, do Rio de Janeiro, fundado por um dos pioneiros da dublagem brasileira, cujo nome batizou a empresa, ou a Álamo, de São Paulo, estúdios grandes que prosperaram nos anos 2000 e dos quais os dubladores deixaram muitos registros orais e escritos na Internet.

2. PROCESSOS DE PRODUÇÃO

2.1. PRÉ-APURAÇÃO

Com a aproximação do fim do curso, a decisão pela realização de um trabalho sobre dublagem passou a se tornar cada vez mais óbvia. Durante a pandemia, procurei assistir a diferentes tipos de materiais que eu ainda não havia dado a devida atenção, como séries dubladas ou filmes para os quais a dublagem era criticada, a exemplo da realizada em Miami.

Segundo o aplicativo de catálogo de filmes Letterboxd, onde é possível registrar os filmes assistidos como em um diário digital, assisti 176 filmes em 2020, sendo 130 inéditos. Em 2021, dos 249 filmes assistidos, 172 foram filmes assistidos pela primeira vez. A ferramenta também é uma espécie de rede social, onde diferentes usuários podem disponibilizar suas críticas relativas aos conteúdos consumidos, havendo uma grande troca de informação para diferentes pessoas e diferentes visões de mundo que contribuem para o escopo de um ou de outro.

Já era de meus hábitos ler críticas de cinema e TV, muitas vezes focadas em atuação de artistas estrangeiros ou novelas brasileiras. Passei a absorver o conteúdo com maior dedicação, a exemplo dos sites especializados AdoroCinema, Omelete, Legião dos Heróis, colunas de crítica de cinema de jornais hegemônicos como Folha de São Paulo, e os jornalistas Patrícia Kogut, de O Globo e Nilson Xavier, além dos críticos Isabela Boscov e Pablo Villaça.

Passei também a assistir a diferentes versões de filmes dublados, duas vezes, em São Paulo e Rio de Janeiro, algo passível de acontecer devido às leis de direitos autorais vigentes, não permitindo a exibição em uma plataforma que não estivesse previsto em contrato.

Em minha visita a São Paulo, em outubro de 2021, eu ainda não estava matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, e também não era orientado por nenhum professor. Procurando ouvir os estúdios, esbarrei nas restrições das empresas em relação à entrada de estranhos em um ambiente onde há rígidas regras de confidencialidade. Semanas antes de chegar à cidade onde se localizam vários estúdios, liguei para toda a lista de estúdios existentes na capital paulistana e tentei agendar entrevistas, e alguns negaram devido à pandemia de Covid-19. Outras empresas do ramo de dublagem não alegaram nenhum tipo de limitação relativa ao coronavírus, mas sim em virtude da exigência de confidencialidade por parte de seus contratantes.

2.2. APURAÇÃO

Para a apuração prática, foi necessário enviar mensagens diretas nos perfis privados dos dubladores nas redes sociais, bem como o contato por e-mail, para aqueles que disponibilizavam o endereço em suas contas. Apesar de ter contactado mais de 70 dubladores, apenas alguns responderam, dos quais nem todos aceitaram a realização de uma entrevista.

Apesar das entrevistas realizadas com seis dubladores, apenas três entraram no site, de modo a caber no cronograma e no tempo hábil para a produção do TCC. As demais devem ser incluídas futuramente, pois pretendo dar sequência a este projeto depois de formado.

2.2.1. Fontes de experiência

Entrevista com a dubladora Angélica Santos;

Entrevista com o dublador Duda Espinoza;

Entrevista com a dubladora Rita Lopes;

Entrevista com a dubladora Carmen Sheila;

Entrevista com o dublador Pedro Alcântara.

Entrevista com o produtor e dublador Ian Luz.

2.2.2. Fontes especialistas

Entrevista com Milene Luvison e Sérgio Palomino, sócios do estúdio MarshMallow.

Entrevista com Ulisses Bezerra, dublador e dono do estúdio UniSom.

Entrevista com Marília Prochno, gerente operacional da sede brasileira do estúdio Vox Mundi.

3. REDAÇÃO

Para a redação de textos noticiosos, foram apurados os acontecimentos com base em releases e divulgações de perfis sobre dublagem nas redes sociais sobre os assuntos tratados. A exemplo da notícia sobre o falecimento de Milton Gonçalves, foi possível escrevê-la em tempo real, enquanto o assunto era tratado na televisão. Foi necessário apenas procurar quais produções o ator trabalhou, em seu período na dublagem.

O post que noticia o uso dos Star Talents Paulo Vieira, Déborah Secco e Ary Fontoura no filme ‘O Lendário Cão Guerreiro’, pôde ser escrito em virtude das publicações do perfil da empresa Paramount Pictures no Instagram, em sua conta brasileira, além do canal que o comediante Paulo Vieira possui no aplicativo Telegram, onde o ator compartilha novidades sobre sua carreira com seus fãs.

Na construção das críticas, realizei anotações enquanto assistia aos filmes/séries e pude transformá-las em texto posteriormente, apenas com a averiguação de datas de lançamento na internet e checagem de dubladores em fichas técnicas dos filmes nos aplicativos de streaming, em conjunto com perguntas realizadas a dubladores em mensagens privadas nas redes sociais.

No caso das entrevistas, eu utilizei aplicativos de transcrição de áudio para fazer o trabalho bruto da decupagem. Ouvi e reouvi as gravações em casa para fixar os assuntos e suas nuances, de modo a escrever com a entrevista mais clara na memória, já pensando em quais assuntos utilizar para começar o texto, e quais deixar para depois. Com o apoio do texto transcrito, foi mais fácil pegar os trechos e apenas editar para facilidade de leitura, “costurando” os trechos utilizados dos entrevistados com minhas palavras, a partir do que foi tratado em nossas conversas.

O mesmo foi feito para a escrita das entrevistas com os donos e gerentes dos estúdios, também utilizando de informações disponíveis nos websites de cada empresa para eventual checagem de alguma fala.

4. EDIÇÃO E REVISÃO

A revisão dos conteúdos ficou a cargo da professora orientadora, Isabel Colucci. Os textos escritos por mim eram disponibilizados em uma pasta do Google Drive pessoal, compartilhada com a professora, onde ela podia utilizar as ferramentas do Documentos Google para sugestão de alterações no texto, junto de comentários para melhor desempenho do aluno em relação aos materiais.

Já a edição dos textos ficaram a cargo deste aluno, que acatava as ponderações da professora e encontrava as melhores maneiras de executá-las para “costurar” ao conteúdo.

5. ILUSTRAÇÕES E DIAGRAMAÇÃO

No website Dubladoo, foram utilizadas ilustrações digitais criadas a partir de ferramentas de edição como o aplicativo Photoshop, bem como o site Remove-bg, feito para remover o fundo das imagens e transformá-las em um arquivo “PNG”, o qual suporta a transparência digital.

Deste modo, a partir de imagens fornecidas pelos próprios dubladores, criei “montagens”, imagens alteradas sobrepondo as personagens dubladas pelos respectivos atores, criando uma representação que possa chamar a atenção e fazer a conexão imediata entre o dublador e os bonecos aos quais esse empresta sua voz.

Para a diagramação do site, foi utilizada a plataforma Wix.com, que dá acesso a diversas ferramentas para a construção de um site gratuito, com o upload de imagens, incorporação de vídeos e links externos de redes sociais, dando liberdade ao autor para criar suas categorias, menus deslizantes, entre outros artifícios de um website comum, sem que o usuário necessite saber qualquer tipo de linguagem de programação.

Todas as operações concernentes à edição do site ficaram a cargo deste aluno, incluindo a montagem das imagens, realização de downloads, upload na plataforma Wix, diagramação de conteúdo para acessibilidade no computador e também para *mobile*, entre todos os outros ajustes necessários para a construção de um website adequado e que comportasse diferentes menus e guias que comportassem a ideia prevista de críticas, reportagens e entrevistas multimídias.

6. RECURSOS E ORÇAMENTOS

Para a pré-apuração de informações na cidade de São Paulo, onde se localiza parte dos estúdios de dublagem brasileiros, foi utilizado o telefone celular próprio do aluno (para o recurso da gravação de áudio) comprado em 2018, tendo custado R\$1800,00 (um mil e oitocentos reais).

O notebook pessoal do estudante, comprado em março de 2022, no valor de R\$3900,00 (três mil e novecentos reais), foi utilizado para a execução de todas as etapas do processo de produção do TCC, como escrita, edição de imagens e áudios, construção do site e redação.

A compra de domínio de website, no Registro.br, site oficial de compra de registros de internet para personalizar um website, no valor de R\$40,00 (quarenta reais), com licença de até um ano.

O orçamento totaliza-se em R\$5740,00 (cinco mil, setecentos e quarenta reais).

7. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Uma das dificuldades por mim encontradas no processo de produção deste Trabalho de Conclusão de Curso foi contactar e agendar as entrevistas com os dubladores. O ritmo de trabalho dos profissionais da área é intenso, muitas vezes com gravações de oito a 12 horas por dia, não só nos dias úteis, podendo incluir os sábados.

Algumas das entrevistas que realizei foram à noite, e outras aos fins de semana, para não atrapalhar o cronograma de trabalho dos dubladores. Pelo mesmo motivo, alguns negaram entrevista, argumentando falta de tempo.

A todos com quem conversei, houve a sugestão da entrevista por videoconferência, para posterior realização. Mesmo assim, alguns estúdios não responderam às tentativas de contato para entrevista à distância.

De minha parte, cuidei para ser o mais respeitoso possível com todos, deixando claro que compreendia a questão da confidencialidade. Sou ciente de tal exigência, já que o dono da UniSom, Ulisses Bezerra, deixou claro para mim que em seu estúdio eu não poderia tirar fotos, fazer registros de vídeo, ou divulgar o que vi dentro do estúdio.

Essas empresas lidam com a dublagem de produções inéditas diariamente, e tem o compromisso contratual com as distribuidoras de não deixar que nada seja divulgado dentro do prazo de sigilo. Apesar disso, fui autorizado a entrar em dois estúdios. Por mais que eu

compreenda a delicadeza das ações que não podem ser divulgadas, a minha proposta de transparência entre os estúdios de dublagem e os fãs da área procurava fazer uma ponte entre estes dois elos tão distantes, já que muitos se sentem tão longe e sem voz para exigir suas demandas, enquanto públicos consumidores.

Outra dificuldade durante a realização deste TCC foi o uso de imagens e áudios no website, em virtude da proibição de fotografias e gravações nos ambientes dos estúdios visitados. Tal exigência restringe as possibilidades de contar uma história na internet, mídia audiovisual e que é enriquecida com o uso de figuras imagéticas e trilhas de áudio.

8. CRONOGRAMA

	2022			
	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO
Revisão do projeto de TCC	18-24/04			
Pesquisa e revisão bibliográfica	25-30/04			
Desenvolvimento parte empírica		01/05-25/05		
Redação final do texto		25/05-05/06	05/06	
Depósito das cópias do TCC para banca			07/06	
Defesa final			14/06	

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mergulho no mundo da dublagem que este Trabalho de Conclusão de Curso proporcionou foi ao mesmo benéfico, e de certo modo, sofrido. Apenas em 2021, mais de 10 dubladores faleceram. Por estar em constante contato com os dubladores neste ano, passei a sofrer junto com as pessoas as quais admiro. Entre os que faleceram, estão Ana Lúcia Menezes, aos 46 anos, em consequência de um Acidente Vascular Cerebral (AVC). Eu mesmo havia tentado agendar uma entrevista com ela antes de sua morte, tendo ela respondido que estava dirigindo a dublagem de uma novela, e portanto, estava sem tempo. Apesar disso, foi extremamente gentil comigo, sem nunca termos nos conhecido. Além de Ana Lúcia, faleceram Dário de Castro, Carlos Marques, Iara Riça, Mariana Mirabetti, Orlando

Drummond, Mário Monjardim, Christiane Louise, Dulcemar Vieira, Júlio Chaves, Jorge Cerruti e Leonardo José.

No início de 2022, faleceu ainda um dublador que era um dos mais importantes para mim, Isaac Bardavid, a voz do Tigrão, dos filmes *Ursinho Pooh*, e do *Wolverine*. Por mais que eu tenha tentado entrevistá-lo, sua condição de saúde estava muito grave, e seu neto me respondeu que ele não tinha como realizar videochamadas ou gravações. A sugestão de respostas escritas nunca conseguiu se concretizar.

Apesar de tudo, também tive aprendizados benéficos, como trabalhar com fontes que dificultam muitas vezes o acesso do jornalista, problema encontrado por mim em alguns estúdios de São Paulo. Outro aprendizado também foi o de trabalhar com uma grande quantidade de conteúdo em pouco tempo. A realização de um cronograma me ajudou a selecionar as entrevistas mais importantes e editá-las de modo a eliminar conteúdos potencialmente desnecessários ou repetitivos.

Entre os pontos positivos deste TCC, estão, ainda, o saber lidar com um mundo artístico. Por mais que não sejam grandes estrelas da TV brasileira ou do cinema nacional, há os famosos de nicho, e que, por conta disso, podem ser mais difíceis de lidar do que outros. Mesmo aqueles que recusaram entrevista ou os estúdios que me negaram a entrada, acabaram servindo de aprendizado.

Por outro lado, este trabalho também me aproximou de pessoas muito queridas e muito gentis no meio da dublagem, que me trataram bem e me fizeram sentir bem, além de terem me acolhido, de certa forma, por se sentirem bem ao falar de sua profissão com os interessados.

REFERÊNCIAS

BARROS, Livia Rosa Rodrigues de Souza. Tradução audiovisual: A variação lexical diafásica na tradução para dublagem e legendagem de filmes de língua inglesa. 2006. 228 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

CARREIRO, Rodrigo. O som no cinema brasileiro: uma estética em negativo. Brazilian Studies Associations.

CASTRO, Gustavo Bacci Bandeira de. Quanto tempo eu tenho para esta fala?: o impacto do tempo na interpretação do dublador: a restrição temporal da fala original sobre a fala dublada. 2017. 31 f. Tese (Doutorado) - Curso de Teatro, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

CUNHA, Lorena Taynah de Miranda. A modificação das caracterizações de personagens decorrente da tradução para a dublagem em filmes bilíngues. 2012. 74 f. Monografia (Letras) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012.

CURTINDO A VIDA ADOIDADO. Roteiro: John Hughes. Chicago, Estados Unidos: Paramount Studios, 1986. Son., color.

DE LUNA FREIRE, Rafael. Dublar ou não dublar: a questão da obrigatoriedade de dublagem de filmes estrangeiros na televisão e no cinema brasileiros. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. 2014, 21(3), 1168-1191. ISSN: 1415-0549. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495551017019>>. Acessado em: 05 de abril de 2022.

DE LUNA FREIRE, Rafael. “Versão brasileira”: contribuições para uma história da dublagem cinematográfica no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. Ciberlegenda: Sonoridades no Cinema e no Audiovisual, Rio de Janeiro, v. 01, n. 24, p. 07-18, 22 jul. 2011.

LESSA, Leandro Pereira. A dublagem no Brasil. 2002. 289 f. Dissertação (Graduação em Comunicação Social) — Faculdade de Comunicação Social, Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2002.

MELO, João Lucas Cavalcanti de; MONTEIRO, Hidauan Felipe dos Santos. A Importância da dublagem no meio audiovisual. 2019. 23 f. TCC (Graduação) - Curso de Tecnólogo em Produção Audiovisual, Centro Universitário Brasileiro – Unibra, Recife, 2019.

PORTO, Felipe Machado. É dublado, tudo bem?: uma série de programas de rádio sobre a dublagem. 2011. 102 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social — Audiovisual, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

RAMOS, Jamille Santos Alves. A recepção da dublagem e da legendagem no Brasil. Revista Vozes dos Vales da Ufvjm: Publicações Acadêmicas, Diamantina, v. 2, n. 1, p. 1-12, out. 2012.

SANTANA, Christiano T.; CONCEIÇÃO, Adriana G.. Os efeitos de sentido produzidos na legendagem e dublagem: o sujeito-tradutor e o processo tradutório. Tradterm, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 4-24, mar. 2018.

SILVA, Igor Bastos Xavier Nunes e. O Vozerio: reflexões sobre a dublagem brasileira através de seus realizadores. 2017. 144 f. TCC (Graduação) - Curso de Cinema e Audiovisual, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

SOUZA, Leonardo Mendes Salviano de. Versão Dublada: processos de adaptação para a versão brasileira. 2017. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Produção Cultural, Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, 2017.

ANEXOS

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2022.1		
ALUNO	Pedro Augusto Borges Correa		
TÍTULO	Dubladoo		
ORIENTADOR	Isabel Colucci Coelho		
MÍDIA		Impresso	
		Rádio	
		TV/Vídeo	
		Foto	
	X	Website	
		Multimídia	
CATEGORIA		Pesquisa Científica	
		Produto Comunicacional	
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	X	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
		Reportagem livro reportagem ()	() Florianópolis (X) Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Jornalismo. Dublagem. Audiovisual. Website. Dubladores.		
RESUMO	<p>O Trabalho de Conclusão de Curso ‘Dubladoo’ é uma fonte de notícias e conteúdos especializados na área da dublagem brasileira. Um site voltado para o ramo da dublagem brasileira cobre todo um espaço “vazio” existente na internet, visto que há poucas informações de qualidade disponíveis sobre dublagem, ou então conteúdos pouco confiáveis em sites não conhecidos pelo grande público. Uma nova plataforma pode levar mais acessibilidade a públicos diferentes: tanto àquele que sabe pouco sobre o assunto, como aos que gostam do nicho e buscam notícias e reportagens mais detalhadas.</p>		

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Pedro Augusto Borges Correa, aluno regularmente matriculado no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 17203571, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Dubladoo** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 06 de junho de 2021.

Assinatura



ENTREVISTAS



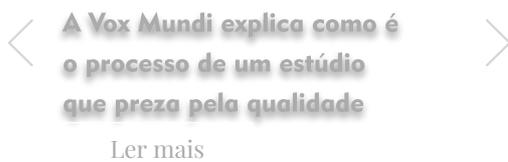
Um dos objetivos do site Dubladoo é conhecer mais os dubladores e seus projetos. Com entrevistas, é possível dialogar e saber mais da pessoa por trás da voz. Graças aos dubladores, pudemos apreciar obras incríveis quando ainda éramos crianças e não sabíamos ler. Suas vozes trazem nostalgia e acalento aos nossos ouvidos.

NOTÍCIAS



Informação de qualidade é um dos nortes que guiam este site. Ser responsável no que noticia, tratando as pessoas dignamente, honrando os dubladores e a memória dos que já faleceram. Nesta seção, confira quais são as últimas notícias do mundo da dublagem.

ESTÚDIOS



No começo de cada filme, novela, série, escutamos um locutor dizendo: "Versão Brasileira" e o nome de um estúdio a seguir. Mas quem são as pessoas por trás destes locais mágicos que abrihantam a nossa vida? Como funciona o processo em uma casa de dublagem? Aqui,

CRÍTICAS



Assistimos muitas obras como filmes, séries e desenhos no nosso dia a dia. Aqui, uso o espaço para dar voz à elogios e críticas para o que pode ser apreciado ou então sugestionado para uma

you can know a little more about the studios and famous people in Brazil.

more attention. The love for dubbing moves a constant desire for a quality product.



© 2022 Todos os Direitos Reservados
dubladoo.site@gmail.com

ENTREVISTAS



Angélica Santos

A dubladora paulista Angélica Santos conta a história de sua carreira, como se tornou a voz do Cebolinha, da *Turma da Mônica*, sua trajetória e também como é o ritmo de trabalho atual, além de como a pandemia atingiu o meio e os dubladores.



Carmen Sheila

A voz inconfundível da Felícia de *Pinky*, *Felícia e o Cérebro*. A irritante Dee Dee, de *O Laboratório de Dexter*. Para a geração Y, a Cheetara de *ThunderCats*. Para a geração Z, a Tootie de *Os Padrinhos Mágicos*. E ainda: a Shenzi de *O Rei Leão*, além da Sra. Cabeça de Batata de *Toy Story* e a Bruxa de *Valente*. Um currículo cheio de personagens marcantes, através de uma voz fofa e uma personalidade apaixonante: Carmen Sheila.



Pedro Alcântara

O Dubladoo entrevistou o dublador Pedro Alcântara, famoso por ser a voz de Pablo, do *Backyardigans*, e Beck, em *Brilhante Victória*. Ele também foi responsável por dirigir a dublagem de *Jojo's Bizarre Adventure*, anime baseado no mangá japonês homônimo e que ganhou notoriedade ao estrear na plataforma de streaming Netflix. Pedro é natural de Jacareí, interior de São Paulo, e começou a dublar aos 8 anos de idade, em 2003.



Entrevista com Angélica Santos

Dizer que tem 38 anos de carreira é pra poucos. Mas ela pode. Angélica Santos começou como bailarina e atriz de teatro antes de ser dubladora. Hoje, ela também é diretora de dublagem, foi coordenadora de um dos maiores estúdios de São Paulo nos anos 2000, a Álamo, e também é uma das integrantes do Conselho de Ética do Sindicato dos Artistas e Técnicos de Espetáculos e Diversões do Estado de São Paulo (SATED/SP).



Ela é conhecida por ser a voz de Oolong, de *Dragon Ball*, a atriz Reese Whitherspoon (na maioria de seus filmes), a Pérola de *Bob Esponja*, a Vespa do Universo Cinematográfico da Marvel (UCM), interpretada pela atriz Evangeline Lilly, e talvez o personagem mais famoso, Cebolinha, da *Turma da Mônica*.

Da Rua do Limoeiro para os estúdios

Angélica não pensava em se tornar dubladora. Para ela, foi algo mais como um destino, uma escolha da carreira por ela. “Eu fui fazer um teste para teatro, para fazer os bonecos da Maurício de Sousa Produções. Fiz o teste pra Magali, e depois de uns dias o Márcio Araújo de Sousa (irmão do Maurício) chegou pra mim e falou ‘você passou, mas não pra Magali. A gente chegou à conclusão que você é o Cebolinha. O Maurício falou que você é Cebolinha’”, relembra a atriz. Ela diz, aos risos, que ficou um pouco chocada com a notícia, pois não sabia como fazer voz de menino.

Segundo a dubladora, ela seguiu a voz da radioatriz Ivete Jayme, que havia feito o Cebolinha no primeiro filme da *Turma da Mônica*, de 1982, além de alguns curtas. “Comecei a observar também como é que menino falava. Os desenhos mudaram muito, então, a minha interpretação foi mudando ao longo do tempo, a voz também e hoje eu faço um Cebolinha que eu adoro”, detalha Angélica sobre a preparação para interpretar a personagem.

Quem a levou para a dublagem foram os diretores Orlando Viggiani e Denise Simonetto. Orlando dirigia a gravação das vozes para a Maurício de Souza Produções e era a voz do Franjinha, enquanto Denise era a voz do Anjinho. Ambos já trabalhavam nas versões brasileiras de produções estrangeiras.

Com a indicação dos dubladores, Angélica passou a visitar estúdios para entrar no ramo. Ela revela que o diretor Jorge Barcellos, que coordenava algumas produções nos estúdios S&C/Megasom, disse que ela possuía “voz de menino, natural, sem parecer caricato”, algo difícil de encontrar na dublagem na época, pois crianças não atuavam nesta área.

“E aí foi a minha sorte, porque eu comecei estrelando, já. Algo impossível, ninguém começa estrelando. E realmente eu comecei a fazer muitos filmes com voz de menino. Eu fiz o Bud em *Um Amor de Família*, fiz *Sintonia de Amor*, *O Último Grande Herói*, *Cheque em Branco*, *Os Batutinhas*, *Anos Incríveis...*”, relata Angélica. Ela faz questão de frisar, inclusive, que ficou com receio de ser estigmatizada por dar voz apenas a meninos, e não ser escalada para mulheres.

O aspirante a dono da lua

Na época, Maurício de Sousa estava procurando vozes fixas para seus personagens, que estivessem disponíveis tanto para shows teatrais, como gravações de discos, animações e comerciais publicitários, muitos comuns na ocasião. As vozes antigas dos personagens não tinham tanta disponibilidade, e Maurício seguiu com o novo elenco.

Na dublagem, Orlando foi a voz de Elroy Jetson, de *Os Jetsons* nos anos 60. Dos anos 80 em diante, o dublador passou a interpretar George Jetson, da mesma animação. Em seu currículo, ainda estão Mickey Mouse, de 1980 a 1996, além de Caco, o Sapo, de *Os Muppets* e Dennis, o Pimentinha.



O dublador Orlando Viggiani

O personagem Cebolinha, ao qual Angélica empresta a voz, tem uma diferença da dublagem. É chamado de voz original. Isso porque o ator vai ao estúdio e grava, para depois os desenhistas trabalharem em cima do que foi feito. A dubladora diz gostar muito dessa função, que divide também o personagem Senninha: “Eu gosto muito, porque você tem a possibilidade de criar. No filme *Turma da Mônica: Uma Aventura no Tempo*, a gente deu tanto material que eles tiveram que cortar mais quarenta minutos de filme. Eu acho divertidíssimo, me dá a sensação de colaboração.”

Ela ressalta que essa liberdade não existe na dublagem, e por isso é divertido interpretar os personagens como a primeira voz, já que o improviso permite acrescentar piadas que não estavam no roteiro original e que acabam sendo aproveitadas para o filme, como ela mesma diz, a cena em que o personagem Cebolinha tenta falar ‘Cabeleira Negra’, e tenta dos mais diferentes jeitos.

Com um personagem tão famoso e ao mesmo tempo querido pelo público, existem muitas “imitadoras” de Angélica na internet. “Eu fico feliz, e percebo muita gente, muita criança, me mandando imitação. Eu vejo uma imitação como uma homenagem”, afirma ela. A youtuber Yasmin Yassine fez sucesso nas redes sociais anos atrás quando fez um vídeo imitando o Cebolinha cantando a música Ragatanga, do grupo Rouge. Angélica e Yasmin se conheceram no quadro Ultimate Trocadilho Championship, do canal Castro Brothers. “Ela achou que eu ia ficar brava com ela. Quando eu falei ‘não acredito que você está aqui’, ela abriu um sorriso, porque eu falei pra ela que ela imita, mas ela é muito mais famosa do que eu”, recorda a dubladora.

Ouçõ mas não vejo

Na área da dublagem, Angélica diz que um dos idiomas mais difíceis de dublar é o espanhol. Segundo ela, é uma língua que, comparada ao português, mais complicada de encaixar as bilabiais consonantais (pronúncias fonéticas de “B”, “M” e “P”). Como são idiomas relativamente parecidos, algumas palavras semelhantes podem acabar sobrando ou faltando no encaixe do movimento labial, e por isso o senso comum acha que as novelas mexicanas estão mal dubladas (como em ‘morirse’ para ‘morrer’). Ela menciona também que dublou uma novela portuguesa, Ouro Verde, que, segundo ela, se torna complexo por ouvir o mesmo idioma e ter que reproduzi-lo de maneira diferente.

A diretora de dublagem também atenta para outra coisa: o dublador deve ser atento para não reproduzir a prosódia (o ritmo da fala) de outros idiomas ao interpretar: “O alemão, quando está falando, parece que está bravo. Se pegar a musicalidade dele, vai ficar como se tivesse tudo bravo, então tem que tomar cuidado. O próprio espanhol das novelas mexicanas, se você não tomar cuidado, vira um dramalhão.”

A respeito de preferências, Angélica diz que gosta mais das comédias, já que proporciona momentos divertidos e que a fazem rir durante o trabalho. O terror, por sua vez, é o menos querido: “Eu tive que dirigir, por exemplo, *Arraste-me para o Inferno*. Terrível, pra mim foi um caos. Eu realmente entro no filme.” A dubladora relembra também de duas ocasiões em que precisou dublar e redublar o terror slasher *Freddy x Jason*. “Eu fiz duas vezes. E nas duas eu estava grávida. E no filme pegavam o neném da mulher, nossa, uma coisa sem noção, enfim, a gente tem que fazer.”

Indagada sobre personagens marcantes que ela dublou, com exceção de Cebolinha, o mais famoso, Angélica cita Kevin, de *Anos Incríveis*, o Senninha, e a Vespa/Hope van Dyne, dos filmes *Homem-Formiga*, que ajudou a dubladora a ser conhecida por um público maior. E, falando em Marvel, a atriz conta também que os filmes mais recentes de super-heróis são dublados, muitas vezes, sem estar editado. “Antigamente demorava, o filme pronto vinha pra cá depois de cinco, seis anos. Agora, estão fazendo o filme lá e dublando aqui. É impressionante. Você vê o fio pendurado, o fundo verde, aqueles cabos”, explica ela. Foi o caso de *Vingadores: Ultimato*, por exemplo. Ela relembra ainda que só foi entender a cena que havia dublado quando assistiu ao filme no cinema.

Imagem: Brie Larson Updates



Imagem: Jovem Nerd



Denise, entre muitos papéis, emprestou a voz à atriz Sigourney Weaver na trilogia *Caça-Fantasmas* da década de 80, além das atrizes Demi Moore e Julia Roberts nos filmes dublados em São Paulo.



A dubladora Denise Simonetto

Foto de bastidores de *Vingadores: Ultimato* com as atrizes Danai Gurira, Elizabeth Olsen, Gwyneth Paltrow, Brie Larson e Evangeline Lilly.

A atriz Evangeline Lilly em cena de simulação de voo.

Situações inusitadas podem acontecer com dubladores que têm suas vozes reconhecidas na rua. Angélica narra uma ocasião onde foi reconhecida em uma loja: “Eu ia comprar uma bolsa e a pessoa fica: ‘Você faz novela? Você canta? Você mora na minha rua?’ A pessoa sabia que ela me conhecia, mas não sabia identificar de onde que era. E assim, geralmente eu começo a brincar. Eu falei da voz e na hora ela falou *Legalmente Loira*, achei legal.”

Para as pessoas que querem entrar na dublagem, Angélica ressalta que primeiramente é importante que as pessoas conheçam as regras do ramo, que tem especificidades próprias, jurídicas e financeiras, que devem ser respeitadas. “Eu sempre falo, comece pela porta da frente, procure os melhores estúdios... e hoje em dia precisa ter um curso de dublagem. E cuidado quando for escolher um curso de dublagem: pega o nome do professor, busca no Google pra ver a carreira dele.” Ela alerta ainda para possíveis falcaturas no mercado: “Às vezes o curso tem o nome de um dublador famoso, mas ele não dá aula, botou ‘aluno do aluno do aluno’ para dar aula.”

Vida pessoal

A relação com os fãs é algo que Angélica trata com muito carinho. Ela faz questão de responder as pessoas, pois diz que não gostaria que ela mesma não fosse respondida. “Eu mandei mensagem para uma atriz que eu dublava no *Crazy Ex-Girlfriends*, eu adorava essa série. E ela me respondeu, e eu fiquei felicíssima. Eu acho que é legal isso, me aproxima [dos fãs]”, argumenta.

A dubladora diz também que na pandemia começou a fazer vídeos na plataforma TikTok e um dos vídeos que viralizou, onde ela relatava a trajetória com sua filha, portadora da Síndrome de Williams, bateu 1,3 mi de visualizações em pouco tempo, além de 6 mil comentários. Angélica brinca que fica agoniada em não poder responder todas essas pessoas.

Ping-Pong

D: Qual o seu filme favorito?

AS: Moulin Rouge - Amor em Vermelho. Eu sou apaixonada pelo trabalho da Nicole Kidman, e as músicas desse filme, pra mim, são maravilhosas.

D: Qual a sua música preferida?

AS: Eu sou apaixonada por Your Song, do Elton John, eu acho muito linda.

D: Um livro?

AS: Eu gosto muito de livros de autoajuda. Mas eu diria Código da Vinci.

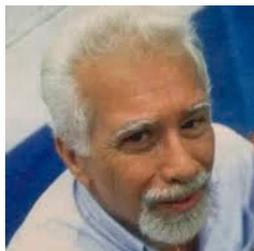
D: Algum dublador que você é fã?

AS: Têm muitos, mas pra não ser injusta, vou falar de um que não está mais aqui. Ele era uma pessoa assim muito querida, muito fofo, e quando ele faleceu a gente até achou que era mentira: Nelson Batista. Ele era o meu pai no Um Amor de Família. E ele era incrível fazendo a voz do comediante Jerry Lewis.

Poderia citar ainda Ézio Ramos também, Araken Saldanha (ele fazia uns comentários divertidíssimos...). Assistir ao Olney Cazarré, então foi uma lição, me fez querer entrar pra dublagem... ou também o Marthus Mathias... boas memórias.



Nelson Batista (1933-1998)
Dublou o Guarda Smith em *O Novo Show do Zé Colmeia*, além do comediante Jerry Lewis.



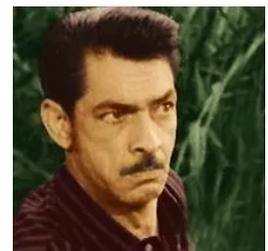
Ézio Ramos (1936-1999)
Sua dublagem mais conhecida é a de Afrodite de Peixes em *Os Cavaleiros do Zodíaco*.



Araken Saldanha (1928-2020)
Emprestou sua voz grave ao Mestre Ancião de *Os Cavaleiros do Zodíaco*.



Olney Cazarré (1945-1991)
Na foto, em cena da *Escolinha do Professor Raimundo*.
Créditos: IMDb



Marthus Mathias (1927-1995)
Foi o dono da voz mais famosa do personagem Fred Flintstone, de *Os Flintstones*.

Angélica dublou a atriz Reese Witherspoon nos dois filmes *Legalmente Loira*, filme do início dos anos 2000 que acabou se tornando um ícone recente do pop feminino, junto a outros filmes de comédia romântica, como *As Patricinhas de Beverly Hills* e *Meninas Malvadas*.



Clique nos ícones acima para ser redirecionado para as redes sociais de Angélica.



Entrevista com Carmen Sheila

A voz inconfundível da Felícia de *Pinky, Felícia e o Cérebro*. A irritante Dee Dee, de *O Laboratório de Dexter*. Para a geração Y, a Cheetara de *ThunderCats*. Para a geração Z, a Tootie de *Os Padrinhos Mágicos*. E ainda: a Shenzi de *O Rei Leão*, além da Sra. Cabeça de Batata de *Toy Story* e a Bruxa de *Valente*. Um currículo cheio de personagens marcantes, através de uma voz fofo e uma personalidade apaixonante: Carmen Sheila.



Seu nome artístico, aliás, vem de Carmen Miranda. Sheila da Silva e Souza começou a carreira interpretando músicas da icônica cantora dos anos 30 no programa Papel Carbono, de Renato Murce, na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro. Em razão disso, foi batizada pelo radialista como Carmen Sheila. A atriz começou na Rádio aos 12 anos de idade, participando de radioteatro e radionovelas. Lá, conheceu o ator Milton Rangel, famoso na época por realizar o programa “Jerônimo - O Herói do Sertão”.

Início de carreira

Milton Rangel então convida Carmen para a dublagem, no que ela prontamente responde:



Por não ter pensado em ir para a dublagem, logo de início, a respeito da carreira, ela relembra:



No começo da dublagem, até meados dos anos 90, era comum que os dubladores trabalhassem todos juntos em cena, já que as técnicas de gravação de áudio eram mais precárias. Carmen faz questão de dizer que não sente saudade nenhuma dessa época:



Histórias

Com tantos anos de trabalho na dublagem, Carmen Sheila possui um número infindável de personagens em seu currículo. Ela ressalta que um dos trabalhos do qual tem maior carinho por sua dedicação é a minissérie *Pássaros Feridos*, exibida no Brasil pela primeira vez em 1985, no SBT.



Imagem: Redes Sociais



Milton Rangel (1926-1970)

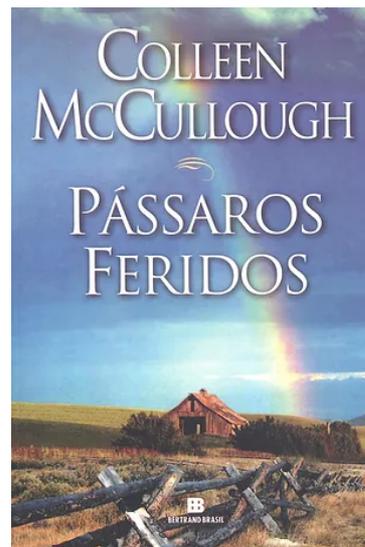
Imagem: Memórias Cinematográficas



A série, dublada na Herbert Richers, contou com Newton da Matta na voz do Padre Ralph de

Bricassart (Richard Chamberlain) e Carmen Sheila como Meggie Cleary (Rachel Ward).

Imagem: Amazon Brasil



A história é baseada em um livro, lançado em 1977, com o mesmo nome, da autora australiana Colleen McCullough. A série foi produzida originalmente pela Warner Bros. e exibida na emissora estadunidense ABC.

Alguns dubladores costumam contar situações cômicas que vivem devido à sua profissão. A dubladora explica que no século passado, sem internet, as pessoas não sabiam quem eram os dubladores, mas acontecia de reconhecer as vozes:



Indagada sobre situações difíceis que ela tenha passado, Carmen conta de um acidente que sofreu e como preferiu não contar à ninguém para não ser retirada do trabalho como dubladora, e também não afetar sua relação nos estúdios, com receio de gerar boatos.



Uma das perguntas mais realizadas em grupos de dublagem, ou em lives de dubladores, é como entrar no mercado. A respeito disso, Carmen dá dicas para os interessados em entrar no ramo:



2020

Chamada de "o divisor de águas" da dublagem, a pandemia afetou não só os estúdios, mas de maneira desigual também os dubladores. A atriz conta que foi um susto muito grande, pois ficou sem trabalhar no início da pandemia, algo que ela estava desacostumada, por ser uma pessoa independente e, segundo ela mesma, trabalhadora desde muito cedo.



Ping-Pong

D: Você tem um filme favorito?

CS: Não. Se o filme é bom, eu embarco.

D: E uma música favorita?

CS: Luzes da Ribalta.

D: Um livro?

CS: Eu indicaria Pássaros Feridos.

D: Tem alguém que a senhora é fã?

CS: Eu sou fã de tanta gente na dublagem, mas eu vou te dizer Flávia Saddy e Alexandre Moreno.

D: Um lugar especial?

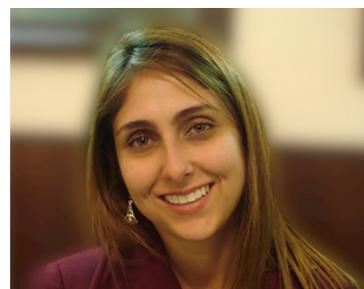
CS: São Lourenço (MG), mas um lugar mesmo especial é Nova York (EUA).

Apesar da existência do livro, Carmen Sheila diz que nunca leu. Ela só lê uma obra se não assistir ao filme existente. Mas se ela já assistiu, então ela não lê, para não ficar comparando. (Conta ela, aos risos)



Foto postada por Carmen Sheila em seu Instagram em junho de 2020, dublando presencialmente no Rio de Janeiro, utilizando Equipamentos de Proteção Individual.

Imagem: Duplápédia



D: E a senhora tem algum hobby?

CS: Trabalhos manuais, que na pandemia me ajudou muito.

D: Qual personagem a senhora amava fazer? E qual é mais lembrado pelo público?

CS: Eu amava fazer o Huguinho (sobrinho do Pato Donald). A mais famosa é a Felícia, a criança era apaixonada. Na época tinha desenho para criança na TV aberta. E teve a Cheetara também, fez muito sucesso na época dos *ThunderCats*.



Flávia Saddy, de quem Carmen Sheila diz ser fã, é conhecida por ser a voz atual de Lisa, de *Os Simpsons*, além de ter ser a dubladora mais frequente da personagem *Barbie*, nos filmes que levam o nome da boneca.



No vídeo acima você pode conferir algumas dublagens da veterana Carmen Sheila. Créditos ao canal "Dubladores e seus Personagens".



© 2022 Todos os Direitos Reservados
dubladoo.site@gmail.com



Entrevista com Pedro Alcântara

O Dubladoo entrevistou o dublador Pedro Alcântara, famoso por ser a voz de Pablo, do *Backyardigans*, e Beck, em *Brilhante Victória*. Ele também foi responsável por dirigir a dublagem de *Jojo's Bizarre Adventure*, anime baseado no mangá japonês homônimo e que ganhou notoriedade ao estreiar na plataforma de streaming Netflix. Pedro é natural de Jacareí, interior de São Paulo, e começou a dublar aos 8 anos de idade, em 2003.



D: Como você, ainda criança, começou a dublar?

PA: Desde pequeno, eu sempre gostei muito de filmes, televisão, séries, animação, sempre gostei de audiovisual, tanto que quando eu era pequeno eu dizia que queria ser cineasta. Mas a minha entrada na dublagem aconteceu por conta dos meus pais. O meu pai trabalhava como locutor de rádio nos anos 80/90. Depois ele abriu um estúdio de locução comercial no interior de São Paulo. Um dia ele precisava de uma criança para fazer um comercial e me colocou para fazer essa locução. E eu fui fazendo outras locuções, meus pais viram que eu gostava do ambiente de estúdio, que eu me sentia confortável...

E eu já tava fazendo teatro nessa época, lá no interior mesmo, mas meus pais decidiram ir atrás de trabalho de dublagem. Eles pesquisaram na época e encontraram a Dublavideo. A gente veio [pra São Paulo], conheceu como é que funcionava, visitou os estúdios...

E, na época, estava começando a surgir os cursos de dublagem. Então duas pessoas importantes deram uma indicação muito legal para minha família: uma delas foi a Marli Bortoletto (que é a voz da Mônica, da *Turma da Mônica*), uma das melhores diretoras de dublagem que eu conheço, e a Zeneide, faxineira da Dublavideo. As duas deram a mesma sugestão: para a gente falar com o Hermes Baroli (conhecido por ser a voz de Seiya, de *Os Cavaleiros do Zodíaco*), porque ele tava focado em dar cursos de dublagem na Lipsync, um estúdio que não existe mais. A gente foi lá, mas ainda não tinha curso infantil. Eu fiz uma aula de um curso para adultos e aí eles sentiram essa necessidade de criar um curso infantil. Meu pai continuou fazendo o curso para adulto e eu fiz o infantil um tempo depois.

Dessa turma, acho que eram 9 alunos, 4 trabalham com isso até hoje. Eu, a Flora Paulita (conhecida por dublar Ariana Grande em *Brilhante Victória*), a Agatha Paulita (dublou a protagonista de *Violetta*) e a Tess Amorim (voz de Stephanie em *LazyTown*), que agora mora nos Estados Unidos. Depois meu pai foi fazer teatro, fez umas participações em novelas, e só depois começou a dublar. Então foi uma situação meio "o pai seguindo os passos do filho" e foi assim eu comecei a dublar.

Imagem: CavaleirosdoZodiaco.com.br



Ricardo Vasconcelos, pai de Pedro e também dublador

Quando eu comecei a dublar, a maioria dos clientes estava cobrando que crianças dublassem crianças, e o menino que dublava muito nessa época era o Thiago Keplmair, que já tava mudando de voz. Nessa geração de dubladores que estava entrando no mercado, eu era o único menino, então comecei a trabalhar bastante. Um, dois anos depois, outros meninos entraram, como o Daniel Figueira (Thomas, de *Thomas e seus Amigos* e Austin de *Backyardigans*), Daniel Garcia (o Doki no Discovery Kids e a pessoa por trás da Gloria Groove hoje em dia), e começou a distribuir mais [os trabalhos para meninos].

A dublagem é uma coisa que envolve muitos aspectos, mas um deles é justamente a prática. E eu tive a sorte de entrar no momento em que o mercado tinha muita necessidade de usar a minha voz, então eu trabalhei muito e pude evoluir mais

rapidamente. Então eu dublava bastante nas férias. Eu conciliava com os estudos, estudava em casa pra compensar, eventualmente, se eu tivesse que faltar na escola, então minhas notas nunca foram baixas. Nunca tirei uma nota vermelha, na vida, até o final do ensino médio. Então meus pais não foram negligentes, e eu me divertia muito dublando, desde pequeno. Mas eu levava tudo isso muito a sério, porque dá pra gente se divertir levando a sério, isso vale pra tudo na vida, e essa foi a minha infância na dublagem.



Da esquerda para a direita: Flora Paulita, Agatha Paulita, Tess Amorim, Daniel Figueira e Daniel Garcia

D: Mas você tinha férias de verdade? Sem trabalhar e sem estudar?

PA: É aquilo que eu disse, eu sempre me diverti muito fazendo. Então a dublagem, pra mim, já era uma diversão, mas o meu tempo não era preenchido só por isso. Por conta do meu trabalho eu pude permitir que a minha família me desse confortos, como: me levar muito ao cinema, ter televisão por assinatura, que pra muita gente é luxo, ler quadrinhos, podia comprar muitos quadrinhos. São coisas que sempre me agradaram, então acho que funcionava.

D: Antigamente era comum que as mulheres fizessem as vozes dos meninos, depois passou a ter uma demanda por realmente crianças, como você mencionou. Mas como funcionam as restrições?

PA: Até onde eu sei, uns anos atrás surgiu uma exigência de que as empresas tivessem autorização do Ministério Público (MP) para poder trabalhar com crianças, então tem restrições de horários, a criança não vai poder trabalhar à noite, e eu acho super válido, e tem algumas restrições que eu diria que partem das próprias empresas. Por exemplo: recentemente, eu dirigi a dublagem das primeiras temporadas de *Jojo's Bizarre Adventure*. E de vez em quando aparece alguma criança [no anime].

Na maioria dos casos, eu dei preferência para adultos porque eu acho que aquela animação é muito pesada e eu não queria expor as crianças a esse tipo de coisa. Então existem essas restrições legais, que não são muitas, e tem as questões que às vezes podem partir dos próprios das próprias empresas.

D: Mas nesse caso você teve a liberdade de escolher os adultos, então?

PA: Eu poderia escalar crianças, se eu quisesse, mas eu não quis. Em muitos filmes de terror é comum que seja feito um acompanhamento psicológico para ver se a criança está se sentindo bem em relação àquilo, para ver se a criança vai entender, se não vai ser causado nenhum trauma na criança, e na dublagem a gente não tem esse tempo. Têm coisas que a gente leva meses para dublar, mas têm coisas que a gente leva uma semana, alguns dias. E é super restrito a entrada de pessoas nas empresas [de dublagem], controlada por questões de confidencialidade, de segurança digital. Então imagina se a gente tivesse que acrescentar mais um elemento. Como é que isso seria contabilizado como custo? Porque isso teria que ser repassado pro cliente. E o quanto isso tomaria de tempo, como isso funcionaria? Não existe um trabalho a respeito disso. Então o cuidado precisa ser feito por outro caminho.

D: Como você lida com o contato com os fãs, através das redes sociais?

PA: Isso foi mudando ao longo dos meus anos. Começou lá atrás, na época do Orkut. Meus pais administravam a conta, porque eu era criança, e como eu dublava muitos programas infantis, como *Backyardigans* e *LazyTown*, a gente conhecia muitas famílias de crianças que assistiam esses trabalhos. E era uma coisa meio nova, o contato pela internet, de uma maneira facilitada, isso foi positivo, foi quando comecei a me dar conta da importância do meu trabalho, ainda pequeno.

Eu nunca fui muito ativo no Facebook, nunca tive página, e eu também não divulgava os meus trabalhos no Twitter, até que um dia eu comecei a divulgar e os meus seguidores começaram a crescer. Teve um boom, uns dois anos atrás, com o lançamento da nova dublagem de *One Piece*, bastante gente começou a me seguir. E também, agora, mais recente, por causa de *Jojo's Bizarre Adventure*.

E é uma forma de interação que é muito nova para mim, porque é muita gente perguntando muita coisa, são trabalhos que tem uma base de fãs muito forte, e de fato tem muita coisa legal, mas também tem algumas pessoas que passam da conta, então eu preciso fazer uma "triagem".

Essa pessoa foi gentil e falou alguma coisa que eu posso responder? Se eu tiver tempo, eu vou lá e respondo. Essa pessoa foi gentil mas falou alguma coisa que eu não posso responder? Eu explico: "olha, esse tipo de coisa eu não posso responder." Passou da conta, eu ignoro. Se passa muito da conta, aí eu bloqueio.

Por exemplo, uns meses atrás eu comentei que eu acho curioso como alguns trabalhos demoram meses para serem lançados e outros a gente faz e em poucos dias já estão no ar. E eu estava falando sobre dois projetos especificamente: sobre o *Far Cry 6*, que já foi lançado, e sobre o *Castlevania*, que tinha acabado de ser lançado, e foi questão de duas semanas. A gente terminou de gravar e duas semanas depois já estava na Netflix. E na época não havia confirmação nenhuma da dublagem de *Jojo's*, mas o pessoal já teorizava que eu ia dirigir porque eu tinha dirigido um spin-off (obra derivada) [*Assim Falava Kishibe Rohan*], e as pessoas começaram a falar um monte, parecia que eles queriam cavar um vazamento de informação, e isso não ia acontecer.

Eu sou fã de muita coisa, eu quero saber das séries que eu acompanho, não o Pedro-dublador, o Pedro-fã. Eu sou fã de quadrinhos, eu quero ter essas informações, mas eu sei que não vão chegar para mim e tem um motivo para isso.

Muitas vezes eu não vou saber qual o motivo, mas existe um motivo, nada é por acaso. Então muitas vezes falta ao público da dublagem a noção de que o emprego de algumas pessoas pode estar em jogo. Imagina se alguém inventa uma informação, e por acaso tá certa. Alguém vai achar que foi uma pessoa específica que vazou, mas essa pessoa que não fez nada de errado vai perder o emprego. E não vai mudar absolutamente nada na vida do fã, e ele não vai ganhar nada com essa informação.

Uns anos atrás, uma colega estava dirigindo a dublagem de um filme para cinema, filme infantil, e em algum país da Europa houve um vazamento desse filme, antes de qualquer informação ser divulgada. Simplesmente cancelaram o lançamento do filme no cinema, então todo mundo saiu prejudicado, inclusive os fãs.

Então o pessoal precisa entender um pouco, fica aí o apelo.



Confira, no vídeo acima, algumas dublagens de Pedro, e relembre sua voz.

D: Você antes era dublador e passou a ser um diretor. Como foi essa transição pra você, e como é ser responsável por essa direção de *Jojo's Bizarre Adventure*?

PA: Eu comecei a dirigir dublagem com dezenove anos, não foi uma coisa muito planejada na minha vida. Quando eu era pequeno, eu imaginava que era uma tendência natural. Mas eu não ficava pensando a respeito disso. Eu estava focado em estudar, fazendo outras coisas, não estava dublando tanto e comecei a traduzir pra dublagem pra WoodVideo, estúdio que agora se chama Universal Cinergia.

A Luciene Andreotti confiou em mim pra fazer o trabalho de tradução de alguns filmes e ela precisava de um diretor novo. O combinado era passar alguns dias assistindo ela a dirigir pra ela me explicar. A Kate Kelly foi dublar a Emma Roberts num filme chamado *Adult Words*. A Luciene me explicou o filme e explicou pra dubladora também (faz parte do trabalho mostrar), e a gente começou a trabalhar, eu sentadinho lá acompanhando, a gente gravou umas cenas, e aí passados dez minutos a Luciene falou “Pedro, senta aqui e cuida dessa cena pra mim, grava esse anel (a menor unidade de gravação na dublagem, geralmente de 20 segundos) pra mim, porque eu vou ali buscar um negócio na cozinha e já volto”. E “nunca mais” voltou, e aí eu comecei a dirigir. Foi assim que eu comecei. Eu me senti aquelas crianças que o povo joga na água para ver se aprende a nadar.

Eu acho que deu certo, estou aí até hoje, e a dublagem de *Jojo's Bizarre Adventure* foi um marco na minha carreira, porque eu acho que foi o trabalho de maior destaque que eu já fiz. Eu já conhecia o anime, já tinha assistido um pouco, achava interessante, mas não tinha assistido tudo. No começo de 2021, eu fui dirigir a dublagem de um spin-off [*Assim Falava Kishibe Rohan*] pra Netflix, e foi aí que o pessoal começou a desconfiar que eu dirigiria a dublagem do anime principal.

Mas não é uma garantia de que eu ia dirigir, de forma alguma. Inclusive quando a gente gravou esse spin-off, a gente nem sabia se o anime principal seria dublado. A gente só tem certeza quando chega o material pra gravar. O pessoal se empolgou, recebi muita mensagem, e eu me preparei. Porque eu pensei: “pode ser que um dia chegue mesmo. Se não chegar, legal, virei fã.” E aí chegou o anime pra ser dublado, foi um dos trabalhos mais legais que eu já fiz. A gente dublou até a parte três, e foi muito satisfatório, muito prazeroso, muito divertido. Também foi um dos trabalhos mais difíceis que eu já fiz, tem muito personagem. Até o fim da parte três, eu usei, se eu não me engano, 215 pessoas ou 235, alguma coisa assim, muita gente. A linguagem desse anime é muito específica, então eu tinha que entender perfeitamente o tom pra eu ajudar os dubladores a

entenderem qual era o nível de dramaticidade, como eles poderiam fazer uma coisa exagerada, como o anime pede, mas sem

entenderem qual era o nível de dramaticidade, como eles poderiam fazer uma coisa exagerada, como o anime pede, mas sem passar da conta.

E quando foi lançado foi uma festa aí do público, o pessoal ficou muito feliz e eu fiquei feliz também que todo mundo gostou.

A gente começou a fazer esse trabalho durante a pandemia, então foi um trabalho misto, parte do elenco gravou remotamente e parte gravou presencialmente com a minha direção remota.

Divulgação: Netflix



À esquerda: Jojo's Bizarre Adventure. À direita, Assim Falava Kishibe Rohan. As animações são baseadas em uma série de mangás japoneses que viraram animes em 2012. A Netflix comprou os direitos para distribuição. Pedro dirigiu a dublagem de ambos os animes.

D: Como foi a integração Rio-São Paulo, na pandemia, pra você? Principalmente com a exigência de um elenco tão grande em Jojo's?

PA: Eu já tinha trabalhado para o Rio de Janeiro uma vez só, quando era pequeno, que foi para um crossover de *iCarly* com *Brilhante Victória*. *Brilhante Victória* era dublado em São Paulo e *iCarly* no Rio. O estúdio do Rio mandou a parte dos personagens de São Paulo e a gente dublou aqui, mas não foi exatamente um trabalho remoto, a gente gravou aqui e mandou para lá.

Recentemente, por conta do trabalho remoto, pude fazer mais trabalhos pro Rio. Das coisas que já foram lançadas tem aquele filme *Olhos de Gato*, na Netflix, e *Tonikawa Kawaii*, tá na Crunchyroll, que é um anime. Os dois foram trabalhos dirigidos por Léo Santos, na Som de Vera Cruz (estúdio do Rio). Existem muitas questões a respeito de como a gente vai regulamentar o trabalho remoto, porque tem um lado positivo e tem um lado mais complicado. O lado positivo é que a gente pode trabalhar de casa, a gente tem acesso a mais elenco e tem o lado mais complicado que é o trabalho ficar mais demorado, porque o ritmo é diferente pra gravar remotamente e também dá mais trabalho na pós-produção, tem a questão de segurança digital e alguns trabalhos que não podem ser feitos remotamente.

Agora as coisas estão voltando ao normal com a vacinação, então o pessoal está se sentindo mais confortável pra ir gravar presencialmente. Então essas são as questões mais complicadas. Em São Paulo, a gente tinha uma proibição do trabalho remoto na dublagem justamente por questões de segurança, para manter uma coesão no mercado. No Rio de Janeiro não havia essa restrição. E aí a gente criou uma regra excepcional durante a pandemia pra liberar a gravação remota. Está rolando uma discussão sobre como vai ficar a gravação remota a partir de agora, se vai ser permitido... eu imagino que o pessoal vai liberar. Fica a questão de tempo, como a gente marca isso, se a gente vai poder trabalhar com pessoas de outros estados. Eu espero que sim, mas existem várias questões aí que estão sendo discutidas... Mas eu espero que sim, porque se não fosse isso não teria como fechar o elenco de *Jojo's*, por exemplo.

Divulgação: Netflix





Tonikawa Kawaii (as duas fotos à esquerda) é baseado em um mangá japonês de 2018. Olhos de Gato (à direita) foi um filme comprado pela Netflix e distribuído durante a pandemia. A dublagem contou com elenco misto de São Paulo e Rio de Janeiro.

D: Mas o impedimento de dublagem remota era algo formal?

PA: Era uma proibição formal, votada em assembleia. Porque a gente tem uma convenção coletiva, que é firmada entre o Sindicato dos Artistas e o Sindicato Patronal.

Ali existem todas as nossas regras sobre remuneração, como funciona o nosso trabalho e sobre as atribuições de cada uma das partes. E uma dessas regras era justamente a proibição do trabalho remoto, por alguma situação que deu errado anos atrás, se eu não me engano em 2017.

Na pandemia, a gente criou uma exceção, um anexo à convenção coletiva, liberando a gravação remota, e em breve a gente vai ver como é que vai funcionar isso.

Eu acho que a maior parte do trabalho vai ser feito presencialmente, mas que vai haver a liberação do trabalho remoto para alguns produtos como reality show e outras coisas que exigem um pouco menos de confidencialidade e de primor técnico, mas, é claro, cabe ao cliente. Não que o trabalho vá ser mal feito, mas pra ser bem feito vai ser mais fácil, e vai ser bom pras empresas porque vão poder contar com um elenco maior.

[Antes] era mais difícil essa postura, geralmente era quando havia exigência do cliente, ou quando era algum ator com uma voz já muito estabelecida, por exemplo, os filmes do Will Smith aqui em São Paulo, a gente vai lá e chama o Márcio Simões no Rio de Janeiro. Ou no Rio, algum filme com o Jason Statham, e eles chamam o Armando Tiraboschi [aqui em SP]. E agora eles podem fazer esse trabalho de casa, e se não puderem outra pessoa faz, e faz parte da vida.

D: Você disse que traduziu para dublagem um tempo. Como funciona?

PA: Uma dúvida que muita gente tem, é se é necessário que a pessoa seja formada ou tenha uma especialização, e normalmente isso não é uma exigência. Mas se a pessoa tiver uma formação, vai aumentar a chance dela receber trabalho, e também vai aumentar a chance de fazer um trabalho bem feito.

O trabalho de tradução depende não só do estúdio de dublagem, mas também do cliente, na questão de quais materiais a pessoa vai ter acesso. Então o básico do básico é o próprio vídeo e um roteiro original, uma transcrição dos diálogos, ou um roteiro pivô.

O roteiro pivô é o seguinte: chega um filme numa língua que é difícil da gente ter tradutor, como o dinamarquês. Não existem tantos tradutores de dinamarquês no Brasil, e eu acho improvável que esses tradutores saibam traduzir pra dublagem. É um tipo de tradução específica. Traduzir bulas de remédio, traduzir livro e traduzir legendas são trabalhos completamente diferentes, e traduzir para dublagem também.

Existe um foco na naturalidade da fala e movimento labial que a pessoa precisa levar em consideração na hora de fazer adaptação. E quando chega um filme em um idioma “exótico”, vai existir um roteiro pivô, geralmente em inglês ou em espanhol, pro tradutor que não fala dinamarquês pegar esse projeto e traduzir.

O tradutor vai pegar o roteiro, traduzir pro português e vai mandar pro estúdio, e isso vai para o corte, na produção, e depois o diretor assiste, escala o filme e por aí vai.

Dependendo do cliente, o diretor precisa lidar com outros documentos, como a Show Guide, ou Carta Criativa, um documento que explica toda a intenção de quem fez o filme ou aquela série. E também tem um glossário, com os nomes padronizados, como eles querem que alguns termos sejam falados.

Outras vezes eles mandam o glossário, mas não está preenchido, é quando eles têm nomes importantes. O tradutor preenche essa planilha, como vai adaptar esses nomes, e eles dizem se aprovam.

Isso geralmente vem de clientes como a Netflix, ou a Paramount, ou a Amazon. Isso é um material que o diretor de dublagem recebe porque ele também precisa levar em consideração um monte de informação, por exemplo, o timbre de voz, qual a idade do personagem.

D: E a dublagem dos animes? Por haver muitos, existem mais tradutores de japonês?

PA: Sim, as produções japonesas, tanto animes, quanto filmes e doramas geralmente vem com texto pivô em inglês. Antigamente, a gente recebia muito anime já dublado em espanhol, e alguns em inglês. Mas a gente tem tradutores que falam japonês e que traduzem do japonês, o que já facilita muita coisa.

Diferenças de regionalismo são legais pra gente brincar com adaptação, por exemplo. No original o personagem é, por exemplo, da Austrália, e ele fala expressões que os outros não entendem. Talvez a gente possa brincar com alguma expressão que é específica de um lugar e que as pessoas talvez conheçam e as outras não. Ou até mesmo brincar com o sotaque.

Por exemplo, no *Jojo's Bizarre Adventure*, o [Guilherme] Briggs fez o segundo Jojo, ele fez o Joseph quando era jovem. Na temporada seguinte, ele aparece mais velho e eu queria que fosse o mesmo sotaque, então eu coloquei o Mauro Ramos. Porque aí tem uma coerência, a experiência fica mais rica.

D: Você acha que hoje em dia se perde a qualidade, na dublagem, pelo volume de coisas no mercado?

PA: Não. Eu acho que a qualidade pode se perder por conta de problemas que a gente enfrenta em qualquer mercado de trabalho que é o sucateamento do mercado, pessoas que não tem uma formação tão boa assim, trabalhando. Problemas que, aliás, não são da dublagem. Isso é uma questão da humanidade: bons profissionais e maus profissionais. Tem empresas que não vão estar preocupadas em fazer o melhor dos trabalhos, e alguma coisa vai sair, e não vai ser tão legal. Então eu acho que o volume de trabalho, pelo contrário, é uma coisa positiva que pode melhorar também o gosto do público. Porque se o público só vê uma dublagem de um jeito, e aquela dublagem, por alguma questão X é ruim, em algum aspecto, o público não vai ter como comparar com o da dublagem pra ter uma dublagem boa, se tem uma dublagem ruim.

Agora, quando a gente tem um volume de trabalho maior, como quando a gente tem muitas coisas sendo dubladas, o público vai ter uma variedade maior de dublagem para consumir. Vai ter parâmetro de comparação, e vai refinar o próprio gosto. É bom pra todo mundo em questão de acessibilidade, opção pro público... a pessoa que gosta de ver legendado, vai ver legendado, a pessoa que quer ver dublado, vai ver dublado todas as coisas. Então, é ótimo.



NOTÍCIAS



[Paulo Vieira, Deborah Secco e Ary Fontoura estrelam *O Lendário Cão Guerreiro*](#)

Paramount publica trailer dublado e divulgam elenco de nova animação



[Milton Gonçalves, ator e ex-dublador, falece aos 88 anos no Rio de Janeiro](#)

O veterano da TV brasileira sofria com complicações de um AVC desde 2020



[Disney anuncia o apresentador Marcos Mion como dublador de *Lightyear*](#)

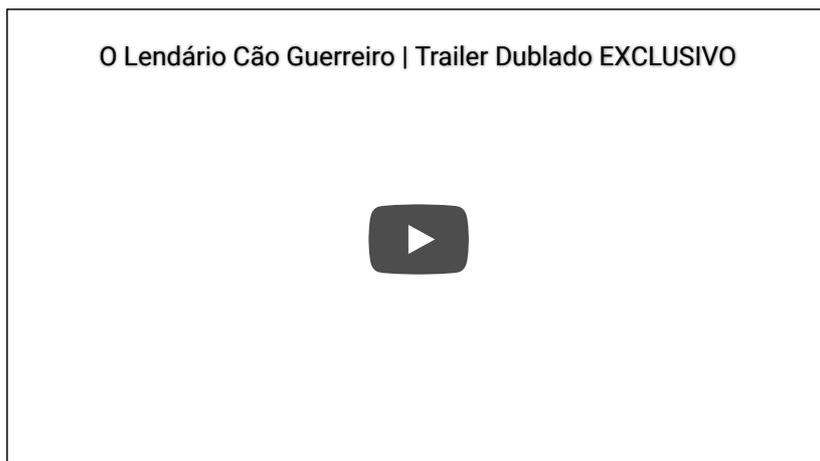


[Morre, aos 83 anos, a dubladora paulista Isaura Gomes](#)

Paulo Vieira, Deborah Secco e Ary Fontoura estrelam *O Lendário Cão Guerreiro*

Paramount publica trailer dublado e divulgam elenco de nova animação

A Paramount Pictures anunciou no Instagram oficial da distribuidora os Star Talents que participarão da versão brasileira do filme *O Lendário Cão Guerreiro*, nova animação em parceria com a Nickelodeon Movies.



Assista acima ao trailer de *O Lendário Cão Guerreiro*

O comediante Paulo Vieira dá sua voz ao protagonista Hank, um cachorro vivendo numa vila de felinos e que deseja ser um samurai. No original, o ator canadense Michael Cera interpreta o personagem. A atriz malaia Michelle Yeoh será a voz da gata-mãe Yuki, no Brasil, dublada pela atriz Deborah Secco.

Divulgação: Paramount Pictures Brasil



Paulo Vieira e Deborah Secco em imagens promocionais divulgadas pela Paramount

Já o personagem Shogun, no Brasil, ficou a cargo do ator Ary Fontoura, que tem mais de 50 telenovelas no currículo. Em inglês, a voz foi feita pelo veterano Mel Brooks. Dos três Star Talents, o único que possui experiência em dublagem é Ary, que participou recentemente da versão brasileira de *Red - Crescer É Uma Fera*.

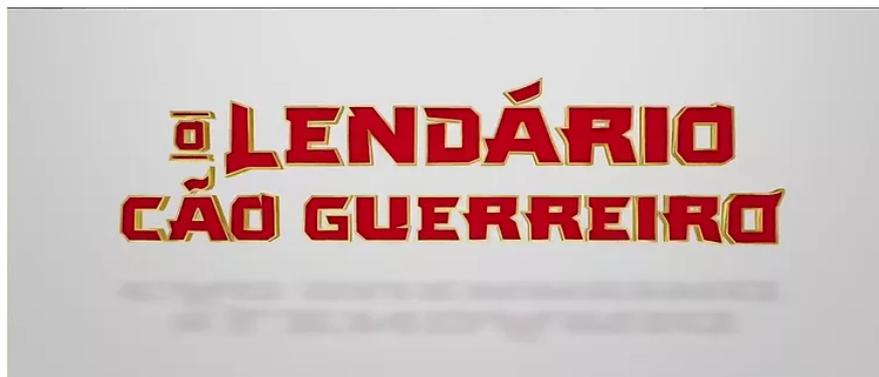
O filme também conta com o dublador Márcio Simões no elenco de dublagem, no papel de Jimbo, cuja voz original é de Samuel L. Jackson.

Confira abaixo a sinopse do filme:

Hank, um cão de caça sem muita sorte, está em uma cidade cheia de gatos, que precisam de um herói para defendê-los do plano maligno de um vilão implacável para varrer a cidade do mapa. Com a ajuda de um professor relutante para treiná-lo, o

azarão deve assumir o papel de samurai da cidade e se unir aos aldeões para salvar o dia. O único problema... Os gatos odeiam os cães!

Divulgação: Paramount Pictures Brasil



© 2022 Todos os Direitos Reservados
dubladoo.site@gmail.com

Milton Gonçalves, ator e ex-dublador, falece aos 88 anos no Rio de Janeiro

O veterano da TV brasileira sofria com complicações de um AVC desde 2020

Morreu, em 30 de maio de 2022, o ator Milton Gonçalves, aos 88 anos, no Rio de Janeiro. Milton sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) em 2020, e desde o acontecimento lidava com consequências que debilitavam sua saúde, como problemas nas pernas e na voz.

O ator fez parte do primeiro elenco a trabalhar na TV Globo, tendo feito mais de 40 novelas, entre elas, a primeira versão de *Irmãos Coragem* (1970). Pelo seu papel no remake de *Sinhá Moça* (2006), foi indicado ao Emmy Internacional, onde se tornou o primeiro brasileiro a apresentar uma categoria.

Milton atuou na dublagem entre os anos 50 e meados de 70, sendo seus trabalhos mais conhecidos os realizados na Tecnisom, estúdio que depois viria a se tornar Delart, no Rio de Janeiro.

Imagens: Disney e Paramount Pictures



Milton deu voz ao personagem Tigrão em animações dos anos 70, como *O Ursinho Puff em Ritmo de Aventura* e *O Ursinho Puff e o Tigre Pulador*.



A primeira dublagem do filme de 1971 *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, na Tecnisom, teve Milton no elenco, como o Sr. Salt, pai da mimada Veruca Salt.

Na dublagem, além da primeira versão brasileira de *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, dublando o Sr. Salt, foi o alegre Tigrão, nas animações que à época chamavam-se *As Muitas Aventuras do Ursinho Puff*.

Apesar de ser uma animação Disney pouco conhecida, *Robin Hood*, de 1973, pode ser visto como o filme de maior destaque da carreira de dublador de Milton, onde deu vida ao malandro Xerife de Nottingham. Também fez parte do elenco da 2ª dublagem de *Dumbo*, do mesmo ano, hoje considerada uma versão perdida.

Imagens: Disney



O Xerife de Nottingham, personagem debochado e ganancioso, de *Robin Hood*, de 1973.

Em *Dumbo*, Milton dublou o Corvo Gordo. As músicas do filme ficaram a cargo do grupo musical MPB-4. Esta versão é considerada perdida.

Participou do seriado *Bonanza*, no qual emprestava a voz ao ator Dan Blocker, que interpretava o personagem Eric Cartwright "Hoss" e do filme para TV *A Marca do Zorro*, dublando Don Alejandro de la Vega, vivido pelo ator Gilbert Roland.

Imagens: NBC e Wikimedia Commons



À esquerda, Dan Blocker em cena de *Bonanza*.



O ator mexicano Gilbert Roland.

O ator, que atuou também como diretor e encenador, nasceu em Monte Santos de Minas, no sul de Minas Gerais. Ele era filho de apanhadores de café. De acordo com sua biografia, o livro *Milton Gonçalves: Memórias históricas de um ator afro-brasileiro*, de Elaine Pereira Rocha, sua família seguiu para São Paulo quando ele ainda era pequeno, em busca de melhores condições de vida. Seu pai passou a trabalhar como pedreiro e sua mãe como empregada doméstica e lavadeira.

O artista estrelou filmes famosos, como *O Beijo da Mulher-Aranha*, de 1985, e *Carandiru*, de 2003.

Ele era viúvo, e deixa três filhos e dois netos.



Milton, em foto recente. Divulgação: TV Globo



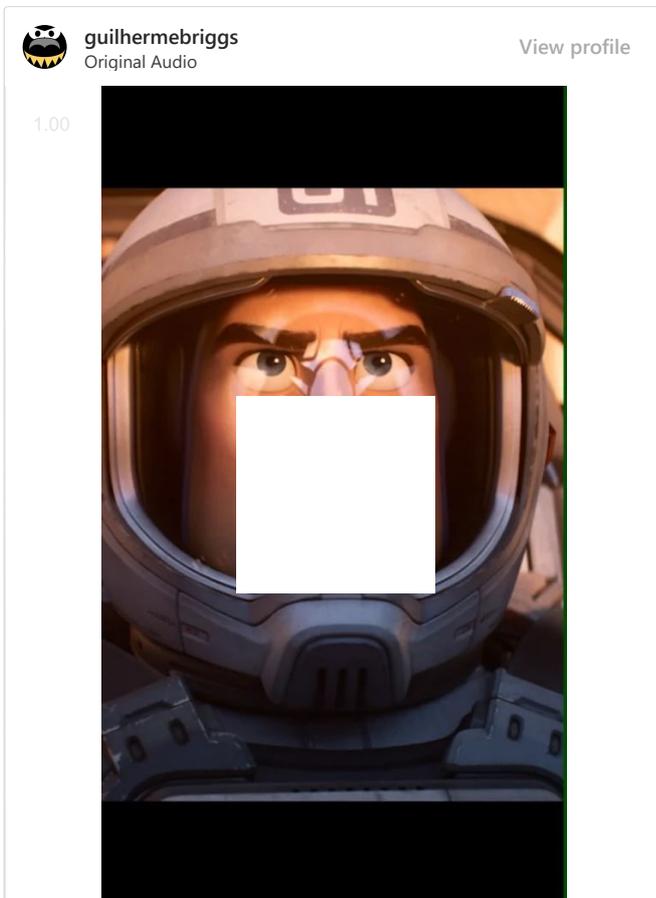


Disney anuncia o apresentador Marcos Mion como dublador de *Lightyear*

Empresa produziu vídeo com o dublador Guilherme Briggs "passando o bastão"

No dia 26 de abril, Marcos Mion, atual apresentador do Caldeirão da TV Globo, e o dublador Guilherme Briggs, conhecido por ser a voz de Buzz Lightyear na franquia Toy Story, postaram em suas contas pessoais do instagram um vídeo revelando que Mion fará a voz do personagem Lightyear no filme homônimo que será lançado em junho.

No vídeo, é possível entender que a Disney promoveu essa "passagem de bastão" para que o público entenda que são dois personagens diferentes: em Toy Story, Buzz é um brinquedo. Em Lightyear, Buzz é o astronauta que inspirou o boneco.



[View more on Instagram](#)

55,113 likes

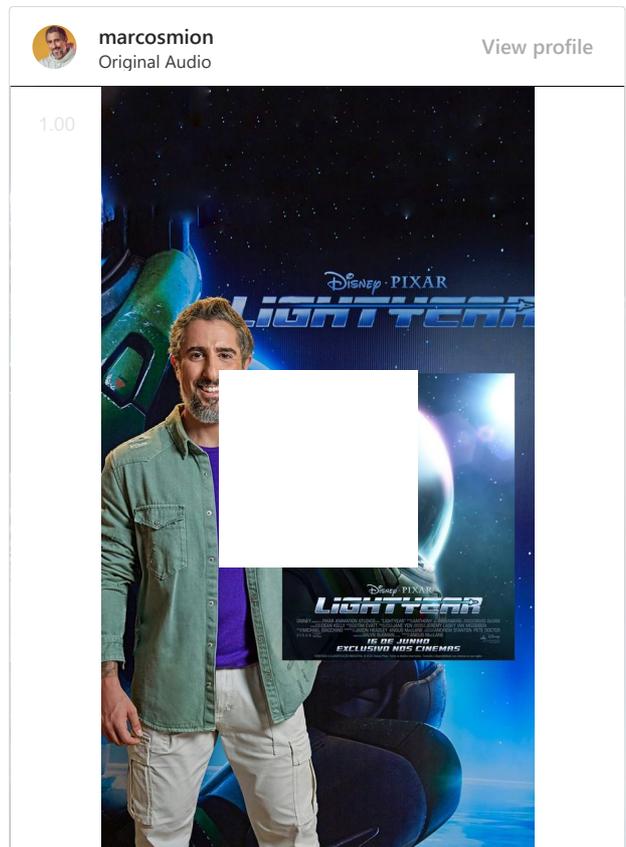
[guilhermebriggs](#)

Vocês conheceram o brinquedo e se encantaram com os filmes de Toy Story. Agora vocês irão ser apresentados ao patrulheiro estelar, ao herói que deu origem ao nome Lightyear!

O amor que tenho pelo Buzz Lightyear pode ser compartilhado e passado adiante. Em breve nos cinemas o nosso herói terá a voz do querido [@marcosmion](#) Recebam ele com muito carinho!

Gente, não percam a estreia de [#Lightyear](#) 16 de junho, exclusivo nos cinemas. Ao infinito e além!

[#publi](#)



[View more on Instagram](#)

56,044 likes

[marcosmion](#)

A MINHA MAIS NOVA MISSÃO 🚀
AHHHHHHHHHHH!! AHHHHHHHHHHH!! AHHHHHHHHHHH!!
Não há palavras pra descrever a felicidade de receber esse desafio...

Dar voz a um personagem da [@Pixar](#) é uma das maneiras mais lindas de ser eternizado, ainda mais quando se trata de Buzz Lightyear!

E que resposta contribuir ao legado que o [@guilhermebriggs](#) construiu brilhantemente como o brinquedo do Buzz. E agora eu sigo contando a origem do homem, do herói que inspirou o brinquedo!

Os comentários no post do dublador Guilherme Briggs. O Instagram costuma evidenciar os comentários mais curtidos e/ou com maior engajamento.

Como pode ser visto nas imagens acima, os seguidores do dublador lamentam a troca de voz no personagem. Enquanto alguns esperavam o dublador Duda Espinoza, como no 1º trailer, outros ainda aguardavam que Guilherme Briggs fizesse a voz do personagem. A troca seria inevitável, é claro, mas a Disney optou por um Star Talent.

Apesar de não ser um dublador profissional, Mion já dublou anteriormente. Primeiramente, em 2001, no filme *Como Cães e Gatos*, distribuído pela Warner Bros. Posteriormente, na animação infantil peruana *O Golfinho*, de 2009.

Em 2014, o apresentador integrou o elenco da dublagem brasileira de *Operação Big Hero*, longa animado da Disney que também contou com Fiorella Matheis, Kéfera e Robson Nunes no banco de Star Talents do filme.

Divulgação/Disney

Créditos: Rogério Lorenzoni/Terra - 29/09/2001



Imagens de divulgação de Marcos Mion nos filmes *Como Cães e Gatos* e no filme *Operação Big Hero*

Para uma reflexão sobre o assunto, leia o artigo [Ao infinito debate... e além](#), na seção [Críticas](#).

Assista também ao vídeo abaixo, do canal KovaToon no Youtube, onde a curta carreira de Marcos Mion na dublagem é apresentada de maneira ilustrada.



© 2022 Todos os Direitos Reservados
dubladoo.site@gmail.com



Morre a dubladora Isaura Gomes

A atriz ficou conhecida por dar voz a Jane Jetson e Leela de *Futurama*

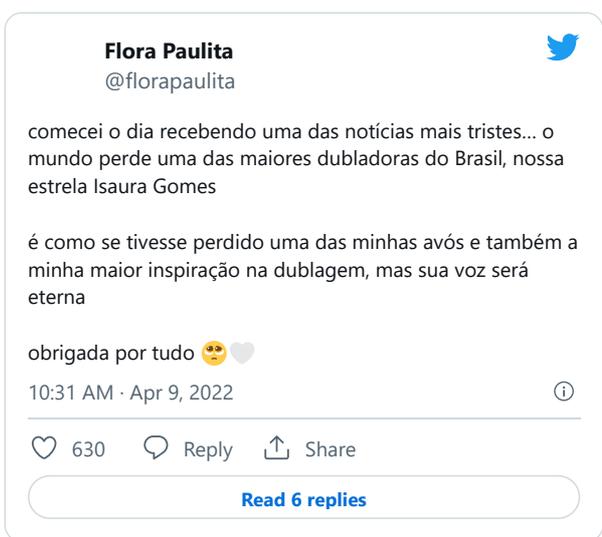
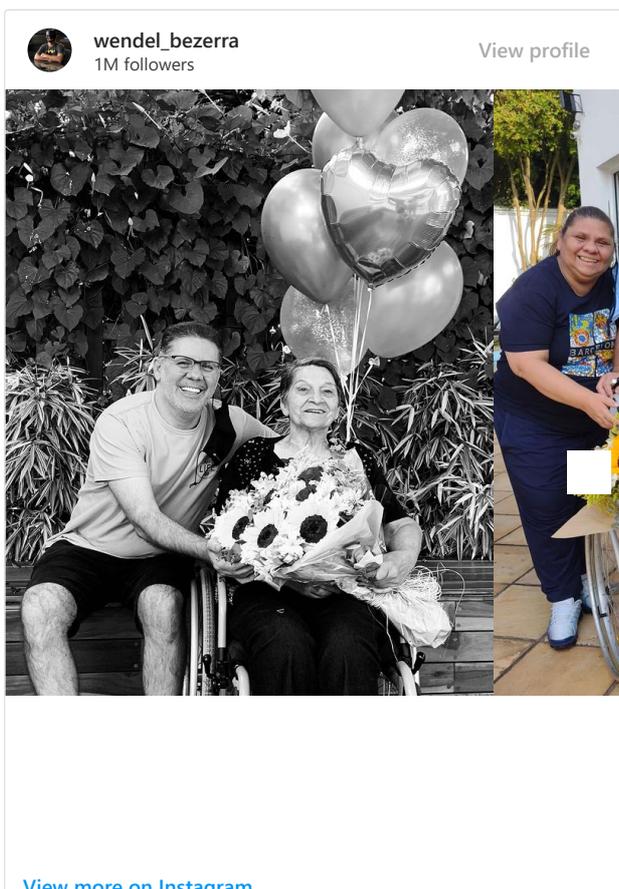
Faleceu no dia 9 de abril de 2022 a dubladora Isaura Gomes, aos 83 anos, em São Paulo. Ela estava internada em um hospital da capital paulista havia pelo menos 30 dias e a família não divulgou a causa de sua morte. A atriz recebeu uma homenagem no estúdio UniDub, no ano passado, devido a sua aposentadoria.

Imagens: Wendel Bezerra e UniDub (Instagram e YouTube)



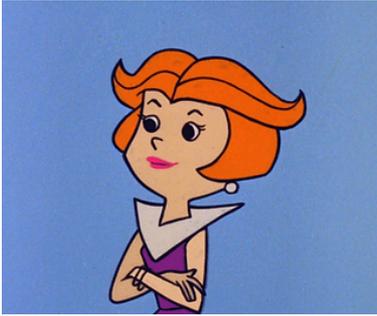
Fotos de Isaura na festa em sua homenagem nos estúdios da UniDub em São Paulo

Logo na manhã do sábado, os dubladores Wendel Bezerra e Flora Paulista lamentaram o falecimento da veterana em posts no Instagram e no Twitter.



[View more on Instagram](#)

Isaura começou na dublagem nos anos 60, na AIC (Arte Industrial Cinematográfica). A personagem mais conhecida de seu currículo certamente é Jane Jetson, do desenho animado *Os Jetsons*. Além desta personagem, a dubladora também fez Leela em *Futurama* e a atriz Julie Andrews nos dois filmes *O Diário da Princesa* e também em *O Fada do Dente*.



Jane Jetson, Leela e Dona Clotilde: três personagens que foram receber a voz marcante de Isaura Gomes.

Recentemente, participou da dublagem do seriado mexicano *Chaves* para o canal da TV a Cabo Multishow, onde passavam episódios que não foram dublados nos anos 80 e 90. Nesta leva de capítulos do humorístico, Isaura interpretou a Dona Clotilde, mais conhecida por 'Bruxa do 71'.

Sua voz ficou conhecida entre os adolescentes por ter realizado narrações para o jogo online *League of Legends (LOL)*, recebendo inclusive um post dedicado a ela na página brasileira do game.

League of Legends Brasil 

@LoLegendsBR 

No último sábado, perdemos nossa querida narradora Isaura Gomes: voz que nos acompanha a cada partida de League of Legends. Isaura tem nossa eterna admiração por sua história na dublagem brasileira.

A [@RiotGamesBrasil](#) deseja condolências à família e aos amigos da dubladora.

6:00 PM · Apr 11, 2022 

 11.3K  Reply  Share

[Read 115 replies](#)



Acima, Isaura Gomes ao lado do radialista Carlos Amorim e da também dubladora Cecília Lemes. Crédito da foto: Carlos Amorim.

Ao lado, Isaura na juventude. Imagem: Estrelando e Lorena.R7



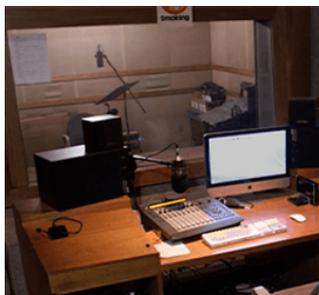
© 2022 Todos os Direitos Reservados
dubladoo.site@gmail.com

ESTÚDIOS



Conhecendo a Vox Mundi

O site Dubladoo entrevista a gerente operacional do estúdio de dublagem Vox Mundi no Brasil, Marília Prochno. Ela explica em detalhes a preocupação da Vox Mundi com a qualidade e como a empresa se divide em departamentos focados em realizar um trabalho primoroso em meio a tantas produções no mercado de dublagem atual.



Histórias da Marsh Mallow

Um dos estúdios mais antigos de São Paulo é a casa Marsh Mallow, responsável por clássicos como O Senhor dos Anéis. O casal de sócios Sérgio Palomino e Milene Luvisom contou ao Dubladoo histórias sobre a empresa que começou no ramo da música.



UniSom e a Universidade de Dublagem

O Dubladoo conversou com Ulisses Bezerra, dono da Unisom e da Universidade de Dublagem, em São Paulo. O clássico dublador de Shun de Andrômeda de *Os Cavaleiros do Zodíaco* contou um pouco sobre o funcionamento de suas empresas e como é a dublagem atualmente.



Conhecendo a Vox Mundi

Os fãs de dublagem estão constantemente em contato com as obras nas quais trabalham seus ídolos. Pelas redes sociais e em eventos de animes, é possível ter alguma interação com os donos das vozes marcantes da nossa infância. Mas pouco se sabe sobre os estúdios onde a mágica acontece. Como funciona o processo? Quantas pessoas estão envolvidas em toda a dublagem?



O Dubladoo conversou com Marília Prochno, gerente operacional do estúdio Vox Mundi, para buscar essas respostas. Marília é formada em Rádio e TV pela FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) e trabalha na empresa desde 2016. A Vox Mundi foi fundada em 1999, como um estúdio 100% nacional. Em 2021, no entanto, o grupo britânico VSI, passou a ser sócio majoritário da empresa, mas os CEOs continuam sendo os brasileiros Armando Torres Jr. e Valvênio Martins. A VSI também é dona de outros estúdios pelo mundo, em mais de 26 países.

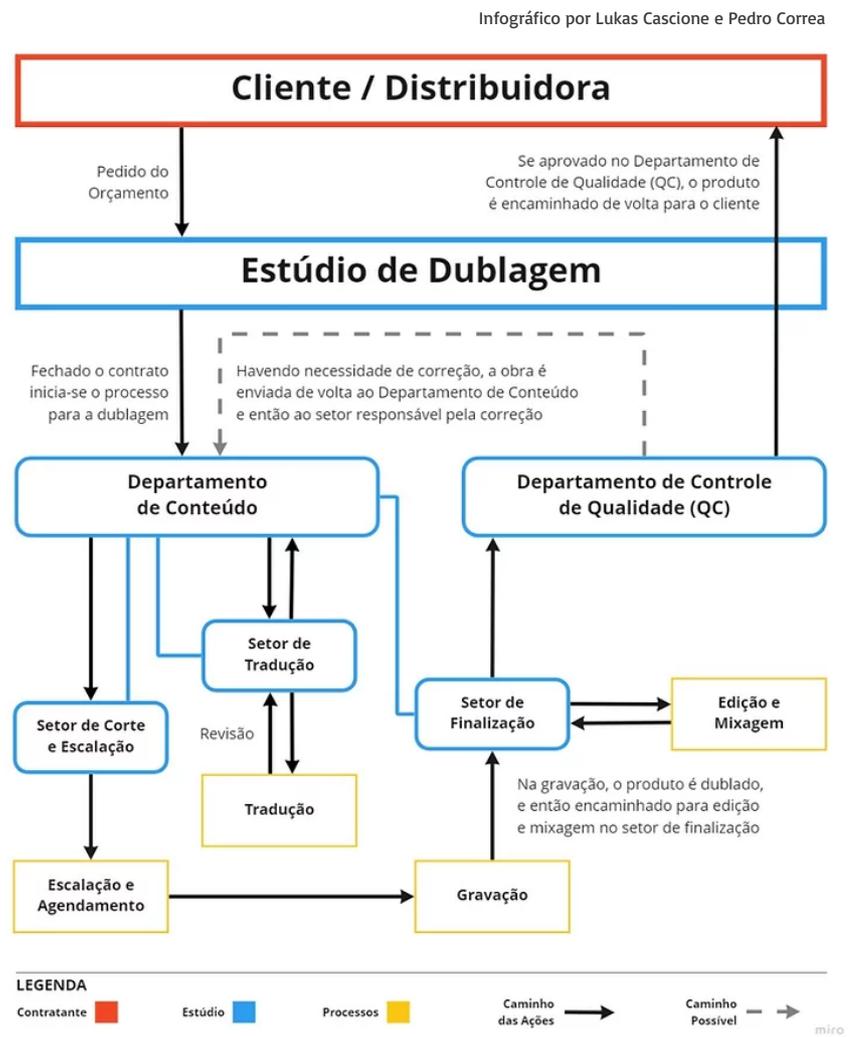
O produto a ser dublado pode ser um filme, uma série, uma animação, uma novela, um reality show, entre diversas outras produções audiovisuais. Na Vox Mundi, há diversos departamentos pelos quais este produto passa para ser dublado. Marília explica a “cadeia produtiva”:

O cliente (no meio da dublagem, o dono dessa produção é chamado de cliente, pois contrata um estúdio para fazer a versão brasileira daquele conteúdo) entra em contato com o estúdio, que faz um orçamento. Fechado o contrato, a produção vai para o Departamento de Conteúdo, onde será traduzido. Depois há uma revisão, e o roteiro é encaminhado para o setor de “corte e escalação”, sendo subdividido de acordo com os “anéis” - trechos de 20 segundos.

Na produção operacional, a escala de dubladores será agendada, e a gravação, realizada. Depois disso, o produto é encaminhado para a finalização, onde será editado e mixado. O último passo do processo é o controle de qualidade (Departamento Quality Control). Se houver algum erro a ser corrigido, a obra em questão volta para a parte necessária, seja regravação ou reedição, e então é enviado para o cliente.

Os clientes dos estúdios de dublagem são os grandes estúdios e distribuidoras, como Warner, Netflix, Paramount, Discovery, entre outras, donas das produções a serem dubladas. Canais de

TV também podem mandar



Uma das maiores preocupações da Vox Mundi é a qualidade, afirma Marília

1 v também podem mandar filmes, novelas e outros conteúdos para os estúdios, como o SBT faz com as novelas mexicanas.

Uma das maiores preocupações da vox mundi e a quantidade, anrma marília Prochno, gerente operacional do estúdio no Brasil. Com um grande número de produções advindas do streaming, especialmente na pandemia, “você tem muito mais trabalho, muito mais urgência, e para isso, a gente busca profissionais que sejam competentes, rápidos e que atendam às nossas demandas.” As distribuidoras também possuem seus próprios métodos de controle de qualidade e podem fazer alguma exigência ao estúdio de acordo com o próprio gosto.

Escalção de vozes

Marília esclarece que a Vox Mundi conta com um departamento artístico que cuida especificamente disso. “Não dá pros diretores [de dublagem] escalarem tudo que eles fazem, porque é muito projeto. Pelo menos na Vox isso não é possível”, em razão da alta demanda. Por isso, há uma parceria: os diretores trabalham em conjunto com o departamento artístico, havendo uma troca entre os dois elos para um resultado diversificado.

A seleção de vozes é algo subjetivo, com vários fatores interferindo no processo, como a aprovação ou não do representante da distribuidora. “Podemos mandar três opções e o cliente escolhe qual ele acha melhor. E a gente tem que seguir com isso”, detalha Marília. “Às vezes também tem as vozes pré-estabelecidas, atores muito famosos, como o Adam Sandler”, complementa, se referindo ao dublador Alexandre Moreno, responsável por dublar o comediante na maioria de seus filmes.

Isso pode ser percebido pelos filmes *Jóias Brutas* e *Zerando a Vida*, ambos originais da Netflix e estrelados por Adam Sandler, contando com o carioca Alexandre Moreno como sua voz no Brasil, mesmo o estúdio Vox Mundi sendo de São Paulo.

A Netflix, inclusive, teve muitos problemas com dublagens realizadas fora do eixo Rio-São Paulo. [Reclamações são facilmente encontradas na internet, algumas constando no período de 2016 a 2018](#). Depois disso, o streaming criou um selo, chamado NP3 (The Netflix Post Partner Program), para firmar parcerias com estúdios que mantivessem um mesmo padrão de qualidade, sendo a Vox Mundi uma dessas casas.

Divulgação: Netflix



Filmes da Netflix estrelados por Adam Sandler e que foram dublados na Vox Mundi, contam com a voz mais famosa do ator na versão brasileira, o dublador Alexandre Moreno.

Tradução

Questionada sobre a área da tradução, ela enfatiza que apesar do grande volume de trabalho, eles não deixam perder qualidade. Para ilustrar um exemplo, foi citado um episódio de *The Office*, quando ainda era dublado na Álamo, casa que faliu e fechou em 2011 (a versão brasileira da obra ficou a cargo da Vox Mundi depois). Em um ponto da série, o programa *Vila Sésamo* é citado, mas como no original o nome da atração infantil é ‘*Sesame Street*’, a versão brasileira ficou traduzida como ‘*Rua Sésamo*’. “Às vezes, inclusive, a gente questiona escolhas do cliente, falando ‘olha, essa não é a forma que [determinada produção] é consagrada no Brasil’. Nosso papel é esse, mostrar e guiar. O cliente não é do Brasil, então ele não tem como saber como *Vila Sésamo* é chamado aqui, na França, na Itália, na China, no Japão. Cada lugar tem um nome”, detalha Marília.

Já a mixagem pode ser feita tanto nos estúdios brasileiros como fora do Brasil. Algumas distribuidoras preferem reunir as dublagens de todos os idiomas no país de origem para mixagem e distribuição internacional, como pode ser observado nos créditos de dublagem no final de cada produção.

A respeito da relação dos fãs com os produtos, Marília revela que alguns clientes já são mais cuidadosos, especialmente com animações japonesas, e procuram relevar suas próprias opiniões em prol dos fãs. “Mas quando a gente acerta ninguém olha, quando erra, todo mundo olha”, defende.

Tinha uma pandemia no meio do caminho

A pandemia afetou muito a dublagem, como alguns devem saber. Não era comum que dubladores gravassem em suas próprias casas antes de 2020, e a maioria não contava com *home studio* (estúdio montado em casa). Algumas estreias mundiais foram adiadas, outras foram suspensas, e diversas séries chegaram aos streamings sem as versões brasileiras.

“Eu não podia não gravar nada, porque eu tinha coisas pra entregar dali uma semana. Então a gente foi dando um jeito. A gente preza não só pela qualidade do nosso produto, como pela saúde das pessoas. Foi um divisor de águas na dublagem”, defende a gerente de operações do estúdio.

Marília conta que a Vox Mundi foi um dos primeiros estúdios a “fechar”, já que eram mais bem preparados no meio digital. Segundo ela, o estúdio é pioneiro na dublagem remota, com técnicas desenvolvidas por Armando Torres Jr., especialista em som, mixagem e áudios de cinema. O CEO da empresa assina a finalização de som de importantes filmes nacionais, como *Tropa de Elite*, *Cidade de Deus* e *Ensaio Sobre a Cegueira*. “E a gente conseguiu ajudar até outras casas [de dublagem], compartilhar o nosso conhecimento”, expõe.

Como alguns dubladores precisaram improvisar estúdios em suas próprias casas, a Vox Mundi ajudou que eles fizessem isolamento acústico, com os técnicos de som indicando o que seria melhor em cada caso para uma melhor qualidade, mesmo que fosse necessário regravar, segundo Marília.

Já o uso de vozes do Rio e de São Paulo, “para o mercado como um todo, foi muito bom”, nas palavras de Marília. Antes da pandemia era necessário o deslocamento de um dublador de uma cidade à outra, o que poderia encarecer a produção. “Nesse sentido, foi muito bom, porque aproximou muito e fez com que os produtos ficassem mais variados em questão de vozes”, argumenta.

Pressa versus qualidade

Palpiteiros de internet costumam dizer que a dublagem atual perdeu a qualidade devido ao ritmo mais agitado e o número elevado de obras audiovisuais. Marília, enquanto representante da Vox Mundi, discorda. Para ela, é impossível fazer um trabalho humano em “escala industrial”. “Isso é algo inimaginável dentro da Vox. Tem todo um cuidado. A gente tem um banco de vozes gigantesco que é consultado todo dia, fazemos estágios com pessoas que estão entrando no mercado, damos oportunidade para vozes novas, participamos de projetos de inclusão, então acho uma coisa bem impossível”, destaca.

“Eu entendo quando se fala ‘a toque de caixa’, mas isso varia muito de estúdio para estúdio. O estúdio tem que dizer ‘eu não consigo pegar mais’. A Vox sabe da sua capacidade e dentro da qualidade da Vox. Eu não vou aceitar mais, porque isso vai queimar o nome da Vox no mercado”, frisa a gerente. Marília lembra que a casa tem a participação de diversos departamentos e um controle de qualidade, fazendo questão de mostrar a preocupação com a realização de um bom produto.

Apesar de não lidar tanto com a Disney, que nos últimos anos trabalha diretamente com o estúdio próprio, e que costuma usar Star Talents, Marília faz um comentário sobre o uso de famosos na dublagem: “A gente já fez dublagem com gente que não achamos bom, mas ele [o cliente] precisa fazer uma coisa que seja atrativa. Não adianta atrair quem é fã de dublagem, precisa atrair o Brasil inteiro pra render alguma coisa. Eu acho que a gente tem que parar de olhar pro nosso umbigo no sentido do que é bom ‘pra mim’. Estamos falando de um produto que vai atingir pessoas de várias idades, de várias classes sociais, culturas, estados. Acho que é muito importante a gente sempre ter esse olhar mais amplo, e não só pros produtos. Em relação a tudo, não só à dublagem.”





Histórias da Marsh Mallow

Fundada em 1988, a atual casa de dublagem Marsh Mallow, em São Paulo, nasceu como um estúdio voltado para gravações de disco de música e jingles de publicidade. Com a demanda de locuções e o crescimento no mercado audiovisual estrangeiro, a estrutura do local passou a abrigar também versões brasileiras de filmes, séries e desenhos animados.



O estúdio foi responsável pela dublagem da trilogia *O Senhor dos Anéis* (Lord of the Rings) versões originais e estendidas, pelo clássico *Melhor é Impossível* (As Good as It Gets), além de desenhos animados, como *Snoopy, a Turma do Charlie Brown*, famoso nos anos 90, e por uma das animações predominantes na falecida TV Globinho: *Três Espiãs Demais* (Totally Spies!). A casa já trabalhou com diversas distribuidoras, como Globo, Sony, Fox, New Line Cinema, PlayArte e Warner.

Atualmente, nas mãos do casal Milene Luvison e Sérgio Palomino, o caminho da dublagem na Marsh Mallow não se difere muito de outros estúdios: com a exceção de que aqui Sérgio faz o trabalho “grosso” da escalação de elenco de um produto, passando o bastão para o diretor de dublagem prosseguir com o trabalho daí em diante. “Conforme ele vai vendo o filme, ele vê quem se adapta melhor à voz, a idade, com esse personagem”, explica Milene. Quanto aos outros trabalhadores envolvidos na produção como tradutores e mixadores, são todos terceirizados, afirma ela. Os clientes vão pedir testes de vozes para os protagonistas, realizarem a escolha, geralmente com três tipos.

Melhor É Impossível - Reprodução/Gracie Films



O filme com Jack Nicholson ganhou o Globo de Ouro de Melhor Filme em 1998.

Divulgação/Marathon



O pseudoanime francês ficou 10 anos no ar na TV Globo, e se consagrou com as vozes de Melissa Garcia como Alex, Adriana Pissardini como Clover e Rita Almeida como Sam.

Por dentro dos bastidores

Muito se fala sobre o contrato da confidencialidade, mas quem é de fora do meio pouco entende a respeito do assunto. Milene informa que “tudo é contrato. Não só da casa com o cliente, mas dos dubladores com o cliente também.” Ainda segundo ela, principalmente os filmes para cinema tem um prazo de sigilo rígido. Não se pode dizer nada até a obra ser de amplo conhecimento público.

Algo muito polêmico na dublagem é a troca de vozes. Milene se defende: “De repente a pessoa não pode, ou está resfriada, a voz não está boa. Aí eu sou obrigada a substituir. Mas isso faz parte. E eles também podem ter algum problema e desistir da escala. Depende muito”. O melhor a se fazer, nestes casos, é buscar entender o que aconteceu.

Já Sérgio cita um caso de um anime com temporadas em diferentes estúdios: “A primeira temporada foi gravada em um estúdio aqui em São Paulo. Aí foi pra segunda temporada, segundo estúdio, com boa parte do elenco mantida. Aí, a terceira temporada foi pra outro lugar. Também deveria haver um pouco mais de cuidado por parte daquele que está recebendo o trabalho. Não custa nada esse estúdio entrar em contato com quem fez essas temporadas.” Apesar disso, pode haver exigências por parte do dono do produto: “Vamos começar do zero, eu não quero o elenco anterior.”

Os Anéis do Senhor

Um exemplo de troca de vozes foi a da trilogia *O Hobbit*, história que precede *O Senhor dos Anéis*. Na trilogia do começo dos anos 2000, o diretor Peter Jackson fez questão de escolher ele mesmo as vozes dos 16 personagens principais dos filmes. Foram mais de 100 testes de voz realizados por dubladores de São Paulo, na Marsh Mallow, para a saga, e enviadas diretamente para a Nova Zelândia. Apesar disso, a Warner mandou os filmes da nova trilogia dos anos 2010 para serem dublados no Rio de Janeiro, o que resultou num elenco diferente.

Sérgio e Milene contam que receberam inúmeras cartas e e-mails de fãs revoltados questionando o porquê da empresa não ter realizado a dublagem dos filmes: “Não fizemos porque a Warner contratou outra empresa, eles são os donos. O cliente não se apega tanto a esse tipo de situação [manutenção das vozes]. Ele só vai se atentar a isso se houver muita reclamação.”

Divulgação/WarnerMedia & New Line Cinema



Trilogia *O Senhor dos Anéis* foi gravada toda de uma vez, e editada anualmente. De acordo com Sérgio, a cada ano eles recebiam o filme que seria lançado para a dublagem, durante três anos. Depois do lançamento do último, todos voltaram para falas adicionais da Versão Estendida.



Hélio Vaccari, dublador que emprestou a voz para o personagem Gandalf, interpretado pelo ator Sir Ian McKellen.

Divulgação/Warner Bros. Pictures



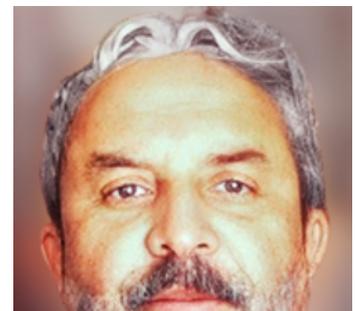
Luiz Carlos Persy, dublador carioca que deu voz a Gandalf na trilogia *O Hobbit*.



Já a trilogia *O Hobbit* foi dublada no Rio de Janeiro, no estúdio Delart. A Warner passou a dublar a maior parte de seus conteúdos e de suas subsidiárias no estúdio carioca no final dos anos 2000 em diante, bem como na Cinevêdo.

Ainda sobre a dublagem da saga de Tolkien, Sérgio conta que um dos dubladores precisou ser substituído quando os filmes voltaram em suas versões estendidas, para a realização das cenas extras. “Os dubladores falaram élfico. Demorou tanto pra eles fazerem a versão estendida, principalmente o *Duas Torres* e *O Retorno do Rei*, que quando chegou pro dublador que tinha feito o regente de Gondor, Denethor, [Renato Master] ele tinha falecido.” Segundo informações do Museu da TV, Renato faleceu em maio de 2004, pouco tempo depois do lançamento do último filme da trilogia. Neste caso, o dublador Renato Márcio assumiu o papel e redublou todas as falas do personagem nas versões estendidas.

Divulgação/WarnerMedia & New Line Cinema





São poucas imagens de Renato Master disponíveis na internet, sendo as fotos acima as melhores encontradas.

Créditos ao Blog Astros em Revista e ao Museu da TV.

Ao centro, o personagem Lorde Denethor. À direita, o dublador Renato Mârcio, que assumiu o personagem depois do falecimento de Renato Master.

No século passado

Ao contrário dos dias atuais, em que cada dublador grava a sua parte separadamente em estúdio, até o fim dos anos 90 e começo dos anos 2000, todo o elenco de uma cena precisava gravar junto, já que não havia mecanismos de edição de áudio como hoje. Na Marsh Mallow, por outro lado, nunca foi assim. “Nós nunca gravamos todo mundo junto. Como o nosso foco, quando a empresa foi criada, era a música, a gente trabalhava já com dezesseis canais de áudio. Música para publicidade e pra disco, ainda era vinil na época. Para nós, era muito mais efetivo gravar individualmente. Até porque o músico grava individualmente”, detalha Sérgio Palomino.

Nos outros estúdios, era necessário a junção do elenco de uma mesma cena para a gravação, já que havia apenas duas pistas de áudio: uma com as falas, e a outra, de música e outros efeitos sonoros, chamada M&E (music & effects). Por conta disso, algumas cenas a serem dubladas podiam necessitar de uma complementação de M&E, como cenas na água. “A gente tinha que bolar coisas, objetos, para fazer, dentro do estúdio, semelhante ao som que a gente precisava gravar. Se tinha água, era pegar o balde, ficar mexendo e gravando”, conta Milene, aos risos.

Créditos: Baú da Dublagem

Reprodução: Selma Lopes (Redes Sociais)



Dublagem da série *Casal 20*, na Herbert Richers, no Rio de Janeiro. Na foto, os dubladores André Filho e Juraciára Diácovo, como o casal principal.



Dublagem de *Os Simpsons*, na Sincrovideo, Rio de Janeiro. Nair Amorim (Lisa), Selma Lopes (Marge), Miguel Rosemberg (Sr. Burns) e Waldir Sant'Anna (Homer).

Vale lembrar que até o início dos anos 2000, algumas produções vinham em rolos de filmes, na película cinematográfica, como relembra Sérgio: “Eles mandavam em filme (físico) mesmo. E ali você fazia uma cópia, cortava os anéis, de vinte em vinte segundos, Daí é que saiu o nome loop/anel.” O anel, como é chamado em São Paulo, ou loop, no Rio, vem dessa época, onde se fechava a tira de filmes em pequenos círculos. Apesar de, hoje em dia, tudo ser feito digitalmente, a unidade de 20 segundos ainda é utilizada para a remuneração dos dubladores.

“Você gravava na cópia da película. Depois soltava os anéis e remontava tudo na moviola para gerar a dublagem contínua do filme. É coisa de mil novecentos e ‘bolinha’. Tem história. Os efeitos ficavam numa outra trilha, era separado. Então você tinha que soltar a trilha de M&E com o que foi gravado em português, e mixar os dois”, detalha o sócio da Marsh Mallow.





À esquerda, moviola dos anos 60. Créditos: Conrado Leiloeiro.

À direita, o ator Jack Nicholson editando um filme em uma moviola. Créditos: History in Pictures.

Sérgio explica, ainda, que os padrões de edição de áudio para locução e dublagem mudaram. “Antigamente, era mixado muito aberto o áudio, porque você mixava efetivamente. Aonde precisava, você aumentava ou baixava o nível da voz para ficar tudo no mesmo padrão. Hoje a voz fica dentro de uma faixa muito pequena de decibéis (dB). Por isso que a M&E quando tem música, atividade, some, desaparece a voz.” Para citar um exemplo, ele diz que a trilogia *O Senhor dos Anéis* foi realizado no padrão antigo.

Pandemia e a dublagem atualmente

Questionada sobre o mercado da dublagem na pandemia, Milene diz que foi bem difícil, principalmente em 2020. Ela explica que o estúdio ficou fechado por um tempo, segundo determinações do governo do Estado de São Paulo. Para voltarem a funcionar, adotaram uma série de protocolos anti-covid, como o uso de desinfetantes antibactericidas e luz ultravioleta, assim como outros produtos utilizados em UTIs de hospitais (Unidades de Terapia Intensiva). “Colocamos os dubladores, técnicos e diretores isolados por vidros, se comunicando pelo microfone. Em função dos custos, ficamos todos em uma incerteza. Mas agora que o mercado começa a aquecer”, detalha ela. Os clientes também priorizavam a dublagem presencial, com maior qualidade, desde que todos os dubladores não colocassem em risco a sua saúde, e exigiam o cumprimento das normas de saúde vigentes.

“A gente sempre pensou a dublagem de uma forma diferente. A dublagem, do jeito de hoje, a gente já não se encaixa nela. Era muito mais artesanal do que ela é hoje. Hoje é linha de produção. O cliente manda um filme que é pra daqui uma semana. Eu dou uma semana só pro tradutor”, desabafa Sérgio. Para ele, o mercado da área exige um ritmo inviável para uma produção de qualidade. O marido de Milene comenta que até pode ser possível traduzir um filme em dois dias, mas que o serviço fica mal feito.

“Eu tenho conhecimento de dois [dubladores] das antigas que faziam tradução: Nelson Machado (conhecido por dublar o Quico, de Chaves) e o Gilberto Baroli (deu voz a Saga e Kanon de Gêmeos em Os Cavaleiros do Zodíaco). Agora, dá três dias pra eles fazerem uma tradução. Eles vão dizer: ‘Obrigado, não quero.’”

Segundo informações ditas por dubladores em lives da pandemia, é comum que os estúdios exijam uma produção média de 30 anéis por hora. Um dublador ganha por hora-dublagem: um valor fixo a cada 20 anéis dublados, indivisíveis. Sérgio comenta que uma produtora grande, como a Disney, se preocupa demais com a qualidade, a ponto de dublar 10 anéis por hora se assim for necessário, para obter um resultado digno.

Talvez, outras distribuidoras não estejam tão a fim de dar um prazo maior ou pagar um pouco mais para obter um produto da forma que Sérgio pensa a dublagem: artesanalmente, com dedicação, e bem feito...





UniSom e a Universidade de Dublagem

Ulisses Bezerra, dublador há mais de 40 anos, além de diretor, também é dono do estúdio UniSom, em São Paulo. Apesar de não estar tão ativo na dublagem hoje em dia como antes, Ulisses possui em seu currículo a voz de um personagem que marcou gerações: Shun de Andrômeda, de *Os Cavaleiros do Zodíaco*.



Além da UniSom, funciona, no mesmo lugar, a Universidade de Dublagem. Ulisses explica que são duas células independentes, e que a Universidade surgiu como uma **necessidade mercadológica**. Ele e o irmão, Wendel Bezerra, fundaram em conjunto a UniDub. Em meados de 2015, Ulisses fundou a UniSom e a Universidade de Dublagem, e Wendel seguiu com o estúdio UniDub. “A UniSom é a empresa de dublagem. Tanto é que a gente fala na Universidade: ‘não é porque você está fazendo a escola aqui que você vai trabalhar comigo.’ Estando no mercado, a gente vai absorver os profissionais”, detalha o empresário.

Logo do estúdio Unisom e da Universidade de Dublagem, de Ulisses Bezerra. Não confundir com a UniDub, último logo à direita, de Wendel Bezerra.



Ele aborda o assunto da seguinte maneira: o mercado exige um certo aprendizado, agilidade e habilidade nas técnicas, porém não proporciona espaço e tempo para um aprendiz do zero. “A Universidade de Dublagem já tem 16 anos, e na época já precisava de profissionais — um problema no começo é quem não tem a velocidade que o mercado precisa, a pessoa vai não necessariamente madura para o mercado e não fica, porque o mercado está muito ágil”, completa.

A formação de novos atores especializados no ramo é essencial, como aponta o diretor de dublagem, já que em cursos de atuação ou faculdades de Artes Cênicas, não há nenhum tipo de ensino voltado para o setor. “Vai necessitando cada vez mais, cada vez mais de profissionais bons. Fazer a ‘falinha’ todo mundo faz. Agora, profissionais que seguram o filme, é que é o problema.”



Isabel de Sá, dubladora desde 1982, em vídeo de divulgação como professora da Universidade de Dublagem. Isabel foi, por mais de uma década, a voz de Jessie, de *Pokemon*, além de Marin de Águia, de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, e mais recentemente, Agatha Harkness (Kathryn Hahn) em *WandaVision*, da Marvel.



Alessandra Araújo, em vídeo de divulgação como professora da Universidade de Dublagem. Dubladora desde 1982, fez a voz original da personagem Cuca na animação *Sítio do Picapau Amarelo*, June de Camaleão em *Os Cavaleiros do Zodíaco*, e Ajak (Salma Hayek) em *Eternos*, da Marvel.

Ontem x Hoje

A fala de Ulisses leva a outro ponto, gerador de debate no meio atualmente: a alta demanda na área. “Antigamente a gente trabalhava um produto em cerca de um mês. Hoje em dia esse prazo às vezes é 15, 20 dias.” O dublador atribui esta exigência a dois fatos: a diferença de tecnologias de produção e a evolução de poucos canais de TV aos novos produtores no streaming.

Ele argumenta que com a “burocracia, a gente tinha mais tempo. Hoje com toda a tecnologia, tudo sendo digital, é tudo muito mais rápido. E o cliente quer essa rapidez.” Já sobre as TVs, Ulisses afirma que os canais abertos ou fechados eram mais limitados, e com as plataformas de acesso por demanda, “tem que estar aberto para todo mundo”.

Com um tempo tão curto para a dublagem de um produto completo, o período dedicado à tradução precisa ser suprimido. Ulisses bate na mesma tecla para o tradutor: “Não adianta ser um ótimo tradutor e demorar uma semana e meia pra conseguir traduzir o filme. Eu preciso dele em três, quatro dias. Então é um mercado ao mesmo tempo muito gostoso e muito dinâmico.” Ele argumenta que os dubladores e diretores trabalham de 10 à 12 horas por dia, e que também há uma urgência em cima destas funções: “tem que assistir ao filme, escalar, conhecer a maioria dos profissionais que estão na área para poder enriquecer o seu o seu conteúdo. Porque o cliente também não quer o filme sempre com as mesmas vozes.” Para o dono da UniSom, o mais importante é o espectador não reconhecer quem eram os donos das vozes, mas saber que houve um bom número de profissionais envolvidos.

O processo de escalação de dublagem não foge do padrão de outros estúdios, mas Ulisses tem um olhar particular sobre a manutenção de vozes nos ‘bonecos’. Ele usa o exemplo do ator Sylvester Stallone, cuja voz mais famosa é a do dublador Luiz Feier Motta: “às vezes você tem a exigência de algum personagem feito por determinado dublador, quando já tem uma voz meio que conhecida nacionalmente. Porque o grande público assistiu muito tempo na Globo [por exemplo] onde ficou aquela voz marcada.” Apesar disso, ele não vê possibilidade e constância para o mesmo feito com o grande número de plataformas de streaming, e a conseqüente demanda de obras. “Antigamente existiam três, quatro empresas de dublagem. Hoje são mais de 20 em São Paulo, no Rio também é uma quantidade tão grande quanto. Então você não vai conseguir conversar com todos os 20 estúdios aqui, nem com 20 estúdios lá do Rio, para seguir.”

É preciso deixar claro que o empresário não está usando de desculpas para trocar vozes, mas sim, explicando que atores novos no mercado surgem em função de múltiplas produções, séries, filmes, e não é humanamente possível que todos os dubladores de SP e RJ conheçam todas as vozes utilizadas, no mercado presente e futuro, como ele mesmo explica: “É Amazon Prime, Netflix, Globoplay, Paramount, tem um monte de plataformas. E às vezes tem a questão de agenda dos dubladores. Eu quero o ‘Zé’ mas o ‘Zé’ só vai estar disponível daqui duas semanas. Não dá.”

Foto: Gáucha ZH



Marli Bortoletto, dubladora há mais de 40 anos, em vídeo de divulgação da Universidade de Dublagem. Marli é a voz da Mônica, de Maurício de Sousa, desde 1983.



Luiz Feier Motta, ator, locutor, e dublador desde 1981. Gaúcho de Caxias do Sul, morou no Rio de Janeiro grande parte de sua vida. Depois da morte do dublador André Filho, assumiu a voz de Sylvester Stallone.

E a pandemia?

Ulisses conta que a UniSom parou totalmente, quando começou a pandemia, pois eles não sabiam como fazer. O diretor procurou, então, alternativas para poder trabalhar. “A gente achou um sistema que o som fica gravado no estúdio, mas a pessoa grava na casa dela. O ambiente tem que ser no mínimo razoável para ter o som relativamente ok, e também tem que ter uma internet boa.” O dublador argumenta, que, em sua visão, a tecnologia é boa e foi útil, mas que ele não acha benéfica, em termos artísticos, já que não há contato nenhum entre o ator e o diretor de dublagem, com uma interação fraca em razão do virtual.

Questionado se o home studio veio pra ficar, Ulisses não vê grandes possibilidades para tal funcionamento, a não ser em casos excepcionais, e por uma série de fatores. Um deles é a exigência dos clientes, que prezam pela qualidade sonora: “Por mais que o som da pessoa seja ‘maravilhoso’, é diferente do som do estúdio. E o cliente, no primeiro momento de pandemia, aceitou isso (o som não ser tão bom). Agora não.” O som, aliás, sofre a consequência de sua velocidade. Por ser mais lento que a luz, passa por um ‘delay’, um atraso, durante a gravação remota. “Quando você grava as frases, a gravação fica atrasada, e

tem que colocar tudo no lugar, e todo esse processo é muito cansativo. A pessoa grava, a imagem está indo direitinho pra ela, só que o áudio está sendo gravado no estúdio”, esclarece o dublador.

Outro motivo, como já dito pelo diretor, é a troca entre os dubladores, a vivência no ambiente do estúdio, que, para ele “fica isolado. Eu, como profissional, preciso saber como é que está o mercado, o que está acontecendo. Se eu estou isolado, eu não sei exatamente o que está acontecendo no mundo.” Em função de seu cargo, ele também vê a necessidade do presencial para poder, em suas próprias palavras, “extrair o melhor do ator”.

Apesar de todas estas explicações, talvez a mais importante delas seja a confidencialidade, algo prezado tanto pelos clientes, mas também por Ulisses e pelos estúdios de uma maneira geral. “No estúdio, a gente tem toda a confidencialidade, tem porta com digital, senha, cartão pra entrar. Quando você manda um link, eu não sei quem está na sua casa, se você está filmando ou não está filmando. Eu te mando uma cópia do texto, quem me garante que você não vai vazsar isso?”, pondera o dono da UniSom. Ele sustenta que mesmo colocando o nome do dublador na tela, deixando em preto e branco e outras táticas feitas por editores para dificultar a existência de vazamentos, se isso acontecer, a distribuidora não trabalhará mais com o estúdio, não importando qual o dublador que divulgou a informação. “Todo esse protocolo existe por uma razão.”

Para citar um exemplo, ele, enquanto dublador do Shun de Andrômeda de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, comenta sobre a última versão do anime, feita pela Netflix, em que Shun é uma mulher (dublada por sua irmã, Úrsula Bezerra): “mudou o personagem, em vez de ser homem, é mulher. Se isso vaza antes, você tira toda a surpresa, e mata a divulgação do que a Netflix ia fazer em termos de promoção, de divulgação, e você tira o interesse da pessoa. Uhum. Então tem toda uma preocupação aí”.

Divulgação/Netflix



Nova versão de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, feita pela Netflix. A dublagem contou com o elenco da versão original em grande parte dos personagens, com exceção de Shun de Andrômeda, que pela troca de gênero, passou de Ulisses para Úrsula Bezerra, sua irmã.

Imagens: Redes Sociais



Imagem do trailer vazado de *Homem-Aranha: Sem Volta para Casa*, de 2021. Na ocasião, alguém filmou a tela de um computador com a cena do trecho e divulgou na Internet. Como é possível ver, há o nome de um funcionário na tela.

Os Cavaleiros do Zodíaco e os Fãs

Inevitável falar sobre o clássico anime japonês com uma das vozes mais conhecidas de um desenho que foi febre por mais de três gerações. Durante a exibição original, em 1994, os episódios haviam sido dublados nos estúdios Gota Mágica, que fechou anos depois. Com a falência da TV Manchete, dona dos direitos sobre a dublagem original, somado a erros de tradução, Cavaleiros foi redublado nos anos 2000, com um elenco mais diverso e traduções mais apropriadas.

A 2ª versão foi realizada no estúdio Álamo (que fechou em 2011), segundo Ulisses, a pedido dos fãs: “Antes, ia ser em outros dois estúdios onde muitos dos [dubladores dos] Cavaleiros não dublavam nesses estúdios. Os fãs alertaram a distribuidora e falaram, ‘se não tiver as vozes, a gente não vai querer esse produto’. A gente (dubladores) nem sabia que seria redublado. Mas eles [os fãs] já sabiam que alguns dubladores não trabalhavam em tal estúdio.”

Foto: Nerdizmo



Na foto, os principais dubladores de *Os Cavaleiros do Zodíaco* e seus personagens.



Da esquerda para a direita:

- Francisco Brêtas, voz de Hyoga de Cisne;
- Hermes Baroli, voz de Seiya de Pégaso;
- Élcio Sodré, voz de Shiryu de Dragão;
- Ulisses Bezerra, voz de Shun de Andrômeda;
- Leonardo Camilo, voz de Ikki de Fênix.

Indagado sobre a relação com os fãs, o dublador ressalta que “fã de dublagem é sempre importante porque eles são os maiores críticos”. E Ulisses faz questão de dizer que essas críticas são necessárias para que os próprios dubladores se aprofundem cada vez mais nos seus trabalhos. “O que o fã não entende é que é não dá pra ficar atendendo pedidos. ‘Olha, faz a voz de algum personagem, é aniversário do meu amigo, do meu primo, da minha mãe’. A gente vive da voz. A partir do momento que você me pede pra eu gravar alguma coisa, eu tenho que cobrar. E às vezes eu nem posso usar a voz por conta de contrato”, explica ele.

Vários dubladores costumam alertar sobre isso em redes sociais, devido a pedidos. É consenso entre os dubladores que este tipo de coisa pode prejudicar o mercado, já que o cliente também pode reivindicar ao dublador que não utilize seu personagem sem autorização. “Eu gosto de conversar com os fãs. O que não dá é pra responder sempre, porque eu começo a trabalhar 9h e vou até às 22h, 22h30. A gente sai cansado, e às vezes ainda leva o trabalho pra casa. Então não dá tempo de ficar respondendo”, salienta Ulisses.

Outro ponto abordado pelo diretor é a troca de vozes, algo de grande reclamação por parte do público. “O grande problema é que a gente não tem a voz do fã nas distribuidoras”, comenta. “Porque enquanto você está consumindo o produto, para eles está tudo ok”, completa Ulisses.

Ele cita o exemplo dos dubladores do desenho animado Scooby-Doo, da Hanna-Barbera. Apesar de Orlando Drummond e Mário Monjardim, as vozes respectivas de Scooby e Salsicha terem falecido em 2021, eles já haviam se aposentado dos personagens que dublaram por mais de 35 anos em 2013. “Quando você assiste, você quer escutar aquela voz. Por mais que não seja igual, mas você quer lembrar aquela voz [clássica]. Apesar deles falecerem, mas já tinha gente que fazia as vozes deles.” De modo semelhante, Ulisses relembra do desenho animado Os Flintstones, dublado por muitos anos em São Paulo. “Os Flintstones, que já trocou de dubladores um monte de vezes, a mesma coisa. (Imitando a voz grossa e rouca de Fred) ‘Ei nanico, venha logo.’ (Imitando a voz desafinada de Barney) ‘Ei Fred, vamos embora.’ Você quer escutar isso. Se você escutar Os Flintstones sem isso, você fala ‘não, não é Os Flintstones.’”

Foto: Rogério Fidalgo



Os dubladores Mário Monjardim e Orlando Drummond, respectivamente, as vozes de Salsicha e Scooby-Doo. Ambos faleceram em 2021, com três dias de diferença, na última semana de julho.

O Outro Lado

“Chegou uma série já dublada lá no Rio de Janeiro. O cliente pede pra mudar todo o elenco. Então tem essa coisa, é difícil a gente saber exatamente o que acontece. Às vezes o cliente muda por questão de preço, questão contratual, ou porque acha que o estúdio não cumpriu com os prazos.” A fala de Ulisses mostra também o outro lado, de quem recebe um produto e precisa acompanhar as exigências do cliente.

De acordo com ele, há várias razões que levam a uma troca de vozes, mas também defende os dubladores: “a gente não tem um contrato de trabalho com aquela série. A gente é tudo autônomo. Claro que a gente tem o respeito, de fazer tudo certinho. Mas se amanhã chegar uma série que eu faço e eu não querer mais, troca. Porque pra gente é trabalho.” Ulisses continua e adentra o assunto para esclarecer o que pode acontecer: “nós trabalhamos com artistas e artistas tem ego. O cara pode ter uma briga pessoal, um mal entendido... às vezes aquele estúdio atrasa o pagamento, sei lá, pode ser mil coisas.”

Finalizando, o dono da UniSom enfatiza: “mas o mais importante é você assistir ao filme e falar: ‘o filme estava gostoso, estava bem dublado’. Os fãs reconhecem as vozes, mas o grande público gostou do filme dublado, é o que vale. Você fala ‘não sei de quem é essa voz’. Depois, lá no fim (nos créditos), ‘putz, é o cara mesmo né! Ele fez uma voz diferente’. Quando o filme é bem dublado, mesmo eu que sou fã, não percebo.”

Foto: Felipe Rau/Estadão



Ulisses Bezerra dublando.

UNISOM
DUBLADOS

© 2022 Todos os Direitos Reservados
dubladoo.site@gmail.com

CRÍTICAS



The Morning Show

A série do Apple TV+ *The Morning Show* retrata o mundo da mídia e a cultura do cancelamento, com foco no levante #MeToo contra o assédio sexual às mulheres no mainstream estadunidense.

A dublagem da série ficou a cargo da Delart, e conta com Élide L'Astorina, Adriana Torres, Ronaldo Júlio, Rita Lopes, Guilherme Briggs e Alexandre Moreno nos papéis principais.



Vingadores: Guerra Infinita

Uma das maiores bilheterias do cinema mundial recente ficou a cargo do espetacular *Vingadores: Guerra Infinita*, filme que reuniu os maiores heróis da Marvel lutando contra um inimigo em comum: Thanos.

Com Leonardo José interpretando o vilão, o elenco brasileiro ainda conta com Duda Espinoza, Marco Ribeiro, Wirley Contaifer, Mariana Torres, e muitos outros ícones da dublagem brasileira.



O Escândalo

A história baseada em fatos reais mostra como o CEO da Fox News dos Estados Unidos utilizava de seu poder para abusar de suas funcionárias, incluindo importantes jornalistas do cenário norte-americano.

Com um elenco misto, paulista e carioca, o filme lançado ainda antes da pandemia se destaca com as vozes de Miriam Ficher e Fernanda Baronne nas atrizes consagradas Nicole Kidman e Charlize Theron.



Ao infinito debate... e além

A internet ficou em polvorosa com o anúncio do apresentador Marcos Mion como Buzz Lightyear no novo filme da Disney, e aqui neste artigo há uma reflexão sobre o assunto. Se por um lado os fãs pedem que somente dubladores exerçam este papel, as distribuidoras continuam a fazer o marketing da maneira que bem entendem. A discussão sobre os Star Talents na dublagem brasileira está longe de acabar.



Dublagem de *The Morning Show*: elenco brilha e dá frescor à série da Apple

Surpresas no elenco e no texto aprimoram o conteúdo em meio a ótimo trabalho de dubladores veteranos

A série *The Morning Show* (O Programa da Manhã, em tradução livre), da Apple TV+, lançada em 2019 foi aclamada pela crítica internacional por tratar de assuntos contemporâneos como o assédio sexual nos locais de trabalho, especialmente na mídia, e como esse tipo de assunto é abordado tanto pelas empresas como pelo noticiário.



O brilhantismo de mostrar as engrenagens por trás de um jornalismo midiático e poderoso e evidente na série, sem falar, é claro, na preocupação com o cancelamento, através da personagem Alex Levy, interpretada por Jennifer Aniston e dublada por Élide L'Astorina.

Essa dubladora, aliás, merece elogios, pois dubla a atriz americana com maestria, já que Élide também dublou Jennifer Aniston em muitas outras produções. A entonação da voz da versão brasileira acompanha magistralmente as expressões faciais feitas por Aniston, tanto em momentos de cinismo, como em momentos de surto.



Élide (à esquerda) já dublou Jennifer Aniston em mais de 20 produções.



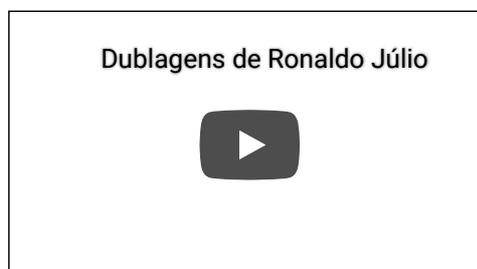
Ouçã aqui a voz da dubladora Élide L'Astorina e conheça personagens que ela já dublou.

Outro elogio vai à tradução e direção de dublagem da série, bem como à Apple, que não economizou nos palavrões; fazendo jus ao estilo da produção e passando por cima de quem diz que não assiste dublado por conta desse motivo.

Uma ótima surpresa da dublagem foi a participação de Diogo Vilela. A escalação do veterano ator de TV inova no elenco e também funciona quase como um easter egg pros ouvidos mais atentos. (Na primeira temporada, Diogo dubla o ator Fred Melamed, que interpreta Neil, agente de Mitch Kessler, papel de Steve Carell.)

A atriz Reese Witherspoon, na série, é dublada por Adriana Torres, que também não fica atrás na interpretação da personagem Bradley Jackson, a coapresentadora do *The Morning Show*. Para mim, foi uma novidade, já que só conhecia a dublagem da paulista Angélica Santos na atriz estadunidense, mais conhecida por *Legalmente Loira*.

Não restam dúvidas de que o ator Billy Crudup se destaca entre seus colegas de cena, tendo ganhado um Emmy de Melhor Ator Coadjuvante em Série de Drama pelo seu papel como Cory Ellison. Se houvesse um prêmio da dublagem, Ronaldo Júlio certamente mereceria também, pois encarna muito bem esse personagem canastrão, nos fazendo apaixonar por esse tipo de 'bombeiro piromaníaco'.



Ronaldo Júlio (à esquerda) e Billy Crudup (à direita)

Assista ao vídeo do canal DubBr e conheça personagens dublados por Ronaldo Júlio.

Apenas uma observação sobre a atriz Embeth Davidtz, intérprete de Paige Kessler, esposa de Mitch. Ela já foi dublada por Andrea em Matilda e por Cecília Lemes (do elenco paulista) em outras três produções, entre elas O Homem Bicentenário. Neste caso, antes da pandemia, um intercâmbio entre os dubladores de São Paulo e Rio de Janeiro não eram tão comuns, então Andrea seria uma opção mais viável. Que fique claro que não tenho nada contra a dubladora Larissa de Lara, só não consegui encaixar muito bem a voz com a atriz. Além disso, ela já dubla Maggie Brenner, a autora do livro sobre os bastidores do The Morning Show, uma personagem importante.



Andrea Murucci (à esquerda) dublou a doce Senhorita Honey em Matilda (1º cartaz).

Cecília Lemes (à direita) dublou a atriz Embeth Davidtz (ao centro) em O Homem Bicentenário (2º cartaz).

Na segunda temporada, o personagem Yanko Flores usa o termo “spirit animal”, algo que seria como “espírito animal”. Eu já vi várias pessoas na internet usando essa frase, na maioria das vezes em brincadeiras que comparam elas mesmas a algo, como se fosse um espírito interior ou algo assim. Não entendi porque não houve a tradução do termo na dublagem.

Por último, deixo meus parabéns à direção de dublagem, não deixando dúvidas que orquestraram esse elenco incrível com sabedoria para que o resultado fosse primoroso, como realmente deve ser. E também meus parabéns à Apple TV+ por fazer uma ficha técnica nos créditos tão detalhada, colocando os mixadores de som e outros envolvidos.

Um último destaque que faço, é de um episódio da primeira temporada onde Guilherme Briggs, aqui como Chip Black (interpretado pelo ator Mark Duplass), diz “Eu não sou o Superman” - me provocando uma risada, já que Briggs é a voz brasileira do herói da DC Comics há mais de 20 anos. Na legenda, a frase não era a mesma, mas o significado do que é dito no original não é alterado por essa brincadeira. São por coisas como essas é que fazem valer a pena assistir DUBLADOO.

Assista ao vídeo do canal DubBr e conheça personagens dublados por Ronaldo Júlio.

© 2022 Todos os Direitos Reservados
dubladoo.site@gmail.com

Vingadores: Guerra Infinita e seu elenco estelar na dublagem brasileira

Vozes similares às originais são destaques do filme

Um dos filmes mais memoráveis nos blockbusters recentes, foi, sem dúvidas, *Vingadores: Guerra Infinita*. Ainda me lembro de sair do cinema completamente transtornado, às 3h da manhã, tentando digerir a tudo que eu havia assistido.



Como eu assisti na pré-estreia, acabei vendo legendado da primeira vez, já que antes da pandemia as sessões 3D eram nos empurradas goela abaixo, principalmente nas premieres, além, é claro, de não ter a opção dublada nesses casos.

Recentemente, o filme foi exibido na Temperatura Máxima, na Rede Globo, em um domingo à tarde. Apesar de já ter assistido ao filme em sua versão dublada, achei por bem reassistir e aproveitar a ocasião para criticar algumas coisas que estranhei na época.

Começo pelo próprio título do filme, que na verdade deveria se chamar 'Guerra do Infinito', e não 'Guerra Infinita'. Inclusive, muita gente se questiona o porquê do filme se chamar *Guerra Infinita* se o filme inteiro se passa em menos de um dia. No inglês, Infinity War acaba tendo um duplo sentido, podendo ser ambas as traduções. Mas o filme retrata a busca de Thanos pelas Jóias do Infinito, que em inglês são chamadas apenas de Infinity Stones. Nesse caso, a tradução não foi das melhores. Um detalhe pequeno, mas confuso.

Na cena de abertura do filme, vemos Fauce de Ébano (interpretado por Tom Vaughan-Lawlor e dublado por Sérgio Corcetti) discursando servilmente à Thanos. Por mais que eu compreenda que deve ser difícil dublar, entregar uma boa atuação na voz, e além do sincronismo, adicionar um sotaque, não posso deixar de notar tal situação. A voz original de Fauce o torna ainda mais detestável por seu jeito de falar característico, algo que acabou faltando na versão brasileira. Apesar disso, é notável que a voz de Sérgio seja similar à do ator que interpretou o vilão.



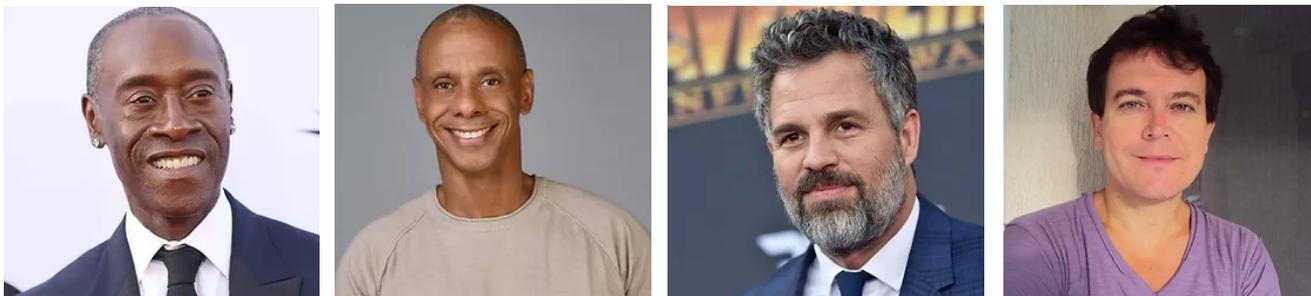
O detestável Fauce de Ébano.
Confira no vídeo ao lado sua voz original.

All Ebony Maw Scenes (Including Endgame)



Outra questão um tanto incômoda é a voz do icônico Alexandre Moreno no ator Mark Ruffalo, que é o Hulk do Universo Cinematográfico da Marvel (UCM). Para evitar vozes repetidas, o dublador foi escalado para o ator americano a partir de *Homem de Ferro 3*, de 2013, já que Jorge Lucas era o Dr. Bruce Banner brasileiro até então.

Como Jorge também era a voz de James Rhodes/Máquina de Combate (Don Cheadle), a Disney realizou a troca. Apesar disso, a voz de Alexandre não parece combinar muito bem com Ruffalo. No Rio de Janeiro, Christiano Torreão já havia dublado o ator outras vezes, teria sido uma escolha mais sensata. Claro, que, a essa altura do campeonato, a voz do Hulk não vai mais ser trocada, mas fica a observação.



Don Cheadle (1ª foto), é dublado por Jorge Lucas (2ª foto). Mark Ruffalo (3ª foto), também era dublado por Jorge. Para não haver conflito de vozes, Alexandre Moreno (à direita) passou a dublar o intérprete do Hulk nos Vingadores.

Por falar em voz repetida, fica no ar a minha preocupação com Luisa Palomanes, que dubla Mantis (Pom Klementieff) e Darcy (Kat Dennings). Na época de lançamento de Guerra Infinita ainda não sabíamos se Darcy voltaria ao UCM, mas com *WandaVision*, de 2021, sabemos que há um risco futuro de que uma das personagens tenha sua voz trocada. Sinceramente, espero que não. Ambas são incríveis alívios cômicos em seus núcleos, e Luisa sabe mostrar uma nuance diferenciada em cada uma, com Mantis sendo mais ‘fora da casinha’.

Imagens: Reprodução/Disney e foto de Luisa, ao centro: Redes sociais



Darcy Lewis, interpretada por Kat Dennings (à esquerda) e Mantis, papel de Pom Klementieff (à direita). Ambas são dubladas por Luisa Palomanes, pois não contracenam.

Faço questão de destacar a escalção de Eduardo Borgerth para ser a voz de Paul Bettany (intérprete de JARVIS e Visão no UCM). A voz de Eduardo tem um timbre incrivelmente parecido com a de Bettany. Outro dublador muito bem escalado é Wirley Contaífer. Em poucos filmes, encarnou o Homem-Aranha de Tom Holland e entregou muita emoção no fim de Guerra Infinita. Não à toa, Wirley faz sucesso nas redes sociais quando dubla algum vídeo de Tom Holland de modo caseiro. As vozes combinam, e o dublador sabe fazer os maneirismos do ator britânico.

Meu último elogio é para Letícia Quinto, que entrega um grave muito bom na General Okoye (Danai Gurira), além de uma atuação digna da atriz estadunidense. Letícia também soube fazer um sotaque wakandano de maneira brilhante.

Encerro esta crítica com um questionamento à Globo, que não colocou legendas nos nomes dos planetas/locais. Quando apareceu “Knowhere”, fiquei esperando a legenda mostrar “Luganenhum” (como foi traduzido no filme). Por mais que aqui falamos sobre boa dublagem, também queremos informações completas, como boas legendas. As pessoas que não entendem inglês agradecem.

O filme conta com um número imenso de personagens, e por consequência, um grande número de dubladores no elenco brasileiro. Precisaria de mais alguns parágrafos para elogiar todos que participaram deste filme e deram um show em seus personagens, como Duda Espinoza, Mariana Torres, Fábio Azevedo, Priscila Amorim, Gabriela Medeiros, entre outros. Deixo aqui minha homenagem póstuma ao grande Leonardo José, que dublou o Thanos de modo incrível, com um tom muito similar ao que Josh Brolin deu no original.

Imagens: Reprodução/Disney. Foto de Leonardo José: Redes sociais





Leonardo José faleceu em 18 de novembro de 2021, deixando sua voz imortalizada em inúmeros trabalhos, sendo Thanos um dos últimos com maior repercussão.



© 2022 Todos os Direitos Reservados
dubladoo.site@gmail.com

Elenco misto de dublagem no pré-pandemia valorizou filme *O Escândalo*

Filme prezou pelas vozes clássicas de Charlize Theron e Nicole Kidman

'Bombshell', filme de 2019 que ganhou o nome *O Escândalo* no Brasil, retrata os bastidores da Fox News nos Estados Unidos, e como o magnata da TV Roger Ailes utilizava seu poder para assediar sexualmente as mulheres que trabalhavam na emissora. O filme conta com um elenco original de grandes estrelas do cinema hollywoodiano, como Charlize Theron, Nicole Kidman, Margot Robbie e John Lithgow nos papéis principais.



Como no Brasil não conhecemos muito bem as personagens principais do filme, aqui vai um pequeno resumo:

- **Megyn Kelly (Charlize Theron)**, dublada por Fernanda Baronne: uma das principais apresentadoras do noticiário estadunidense, especialmente no horário nobre. Ficou famosa cobrindo especialmente eleições, fazendo coro à agenda republicana do canal, com críticas ao governo de Barack Obama.
- **Gretchen Carlson (Nicole Kidman)**, dublada por Miriam Ficher: jornalista americana que trabalhou na CBS e na Fox News. Âncora do principal telejornal da emissora durante 8 anos, foi "rebaixada" a horários com menos público devido a enfrentamentos com a Fox e a maneira que mulheres eram tratadas no canal.
- **Kayla Pospisil (Margot Robbie)**, dublada por Flávia Saddy: a personagem é a representação de aproximadamente 20 mulheres que trabalhavam nos bastidores da Fox News e sofreram alguma forma de assédio sexual.
- **Roger Ailes (John Lithgow)**, dublado por Carlos Campanile: CEO da Fox News e fundador do canal conservador estadunidense. Era o principal assediador das mulheres na emissora, usando seu poder e seu cargo para isso.



A personagem de Margot Robbie, Kayla Pospisil, não existe na vida real. Os roteiristas colheram depoimentos de mais de 20 mulheres abusadas de alguma forma por Roger Ailes e usaram as histórias para compor uma única personagem, ilustrando como era o ambiente dentro da Fox News.

Para mim, o grande triunfo da dublagem desse filme está na escalação de vozes paulistas e cariocas, ainda em 2019, em um estúdio de São Paulo, a Universal Cinergia Dubbing. Na pandemia, muitas produções se beneficiaram desse "intercâmbio" de vozes das duas cidades, já que a dublagem remota traz essa possibilidade.

O filme, porém, foi lançado nos cinemas em janeiro de 2020, já mostrando como um elenco misto de dubladores agrega

... em um filme. *Coastal Journey*, sua costuma dublar a atriz americana Allison Janney, até ali trazendo um conforto

muito em um nome. Cecília Lemes, que costuma dubiar a atriz americana Allison Janney, está ali, trazendo um conúbrio auditivo que nos mantém de olhos fixos no filme.

Além dela, o elenco conta com Adriana Pissardini, Felipe Grinnan, Isabel de Sá, Angélica Santos, Luiz Antônio Lobue e muitos outros nomes consagrados da dublagem paulistana. A voz marcante de Arlete Montenegro aparece numa ponta da veterana atriz Holland Taylor como Faye.

Foi curioso assistir a Donald Trump em uma versão dublada, já que conhecemos a voz original do ex-presidente dos Estados Unidos dos noticiários. Deixo aqui meus aplausos ao Armando Tiraboschi, que fez a voz do ex-ocupante da Casa Branca no tom correto, sem levar o espectador à estranheza.

Imagem: Redes Sociais



Imagem: Jornal O Tempo



Imagem: Dublapédia



À esquerda: as irmãs Flávia Saddy e Fernanda Baronne, dubladoras de Margot Robbie e Charlize Theron, respectivamente. Ao centro: Miriam Ficher, que já dublou a atriz australiana Nicole Kidman em mais de 30 projetos. À direita: o paulista Carlos Campanile, voz de John Lithgow.

Como esta é uma coluna de crítica, não posso deixar de fazer uma pequena observação sobre uma falha no filme. Em determinada cena, Megyn Kelly diz que a letra W é a 13ª do alfabeto. Claro que não é nenhum erro absurdo, mas não posso deixar em branco, já que evidentemente W é uma das últimas letras do alfabeto, sendo a 23ª, não a 13ª.

Alguém poderia argumentar que um detalhe como esse passa batido a um espectador mais desatento, o que acho difícil, na verdade. Na cena em questão, há uma investigação sobre o comportamento masculino dentro da Fox News, e como é algo sigiloso, as possíveis vítimas são identificadas pelas letras do alfabeto. Megyn, então, questiona os investigadores se 22 mulheres já haviam passado por lá antes dela. O estranhamento é perceptível.

Vale elogiar também Carlos Campanile, cuja voz não identifiquei quando assisti ao filme, apesar de já o conhecer anteriormente de outras produções. Sim, esse é um elogio. Na dublagem, quando conseguimos acompanhar o filme sem a percepção exterior sobre o dublador, é porque ele fez um bom trabalho a ponto de nos manter imersos ao que estamos assistindo.

Parabenizo de coração toda a equipe de técnicos e de mixagem de som. Já que o filme é sobre algo que acontece na TV, a todo momento há sons de fundo, falas sobrepostas, áudios de televisões em cena, com certeza o que pode dar um trabalho na hora da composição do áudio dublado.

Imagem: Gracie Films



Charlize Theron em cena com John Lithgow



© 2022 Todos os Direitos Reservados
dubladoo.site@gmail.com

Ao infinito debate... e além

A discussão interminável sobre Star Talents só vai acabar quando as empresas usarem a estratégia de marketing com responsabilidade

O uso de Star Talents nas versões brasileiras é um assunto que está sempre em discussão nos grupos e fóruns sobre dublagem. O caso mais recente foi a escalção do apresentador Marcos Mion como a voz do astronauta Buzz Lightyear, no filme que leva o sobrenome do famoso personagem de *Toy Story*.



Pra quem não sabe, *Star Talent* é um famoso convidado para participar da dublagem de um filme de modo a promovê-lo - uma estratégia de marketing. O problema deste tipo de ação é o uso de personalidades da mídia que não necessariamente saibam atuar ou dublar.

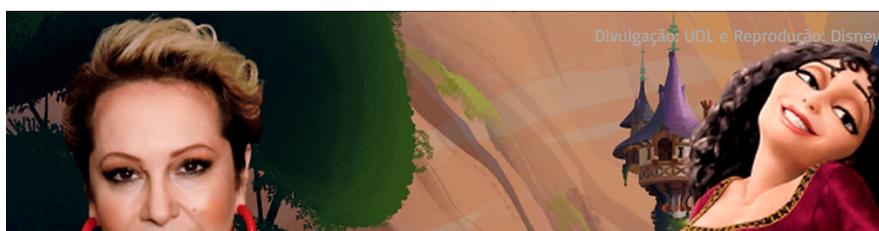
Um dos casos mais famosos é o do filme *Enrolados*, onde o apresentador Luciano Huck foi convidado para dublar o protagonista Flynn Rider/José Bezerra pela divisão brasileira da Disney Character Voices International, Inc. (DCVI), departamento do conglomerado norte-americano responsável pelas dublagens de todas as produções pertencentes ao grupo.

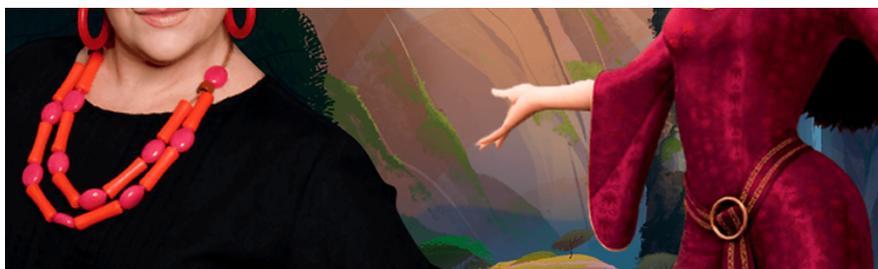


Luciano Huck, em imagem promocional da Disney, durante a dublagem.

O público achou o resultado péssimo, já que Luciano não tem a capacidade de interpretar. O diretor de dublagem de *Enrolados*, Garcia Jr., contou ao comediante Rogério Vilela em entrevista ao podcast Inteligência Ltda., em outubro de 2021, que o apresentador global [não quis ouvir as instruções](#) para a realização da dublagem. Na época, Garcia era o responsável pela divisão brasileira da DCVI, e disse que Luciano fez em pouco mais de 2 horas um trabalho que ele levaria entre 7 e 8 horas para realizar.

Ironicamente, havia outra Star Talent no elenco de *Enrolados*, que dublou e deixou os espectadores encantados com sua voz encantadora: Gottsha, atriz e cantora mais conhecida por trabalhar no teatro e pela personagem Crescilda da novela *Senhora do Destino*, da TV Globo. Mesmo sem experiência na dublagem (com exceção de Roz de *Monstros S.A.*, um papel pequeno), Gottsha soube colocar muito bem toda sua interpretação e entregar um trabalho digno do 50º clássico da Disney.





A cantora de teatro musical Gottsha brilhou como a Mamãe Gothel

As polêmicas sempre crescem em torno do assunto, já que a Disney continua colocando pessoas com um trabalho duvidoso para dublar personagens importantes e protagonistas, e o resultado é um verdadeiro tiro no escuro (o que também pode ser interpretado como uma subestratégia de marketing, já que a escalação gera *buzz* na internet). O histórico de famosos que dublaram sem experiência trouxe resultados bons e ruins.

Rodrigo Lombardi, estando em alta na novela Caminho das Índias em 2008/9, foi chamado para dublar o Príncipe Naveen de *A Princesa e o Sapo*. O resultado foi tão bom que o ator voltou a dublar outras vezes e tomou gosto pela atividade. Ele também fez Lorde Dingwall em *Valente* e Nick Wilde em *Zootopia*, além de vozes adicionais em outros filmes.



O ator acabou aprimorando seu trabalho na dublagem com o passar dos anos, estando irreconhecível em *Valente*. Já em *Zootopia*, há uma completa naturalidade na voz de Rodrigo, e ele se mostra à vontade no papel.

Na verdade, muito antes de ser um estratégia consolidada, famosos já se aventuravam na dublagem, como Zezé Motta, que fez um trabalho marcante como a Úrsula de *A Pequena Sereia* e Ivon Curi, ator e cantor brasileiro que fazia um sotaque francês como ninguém, emprestando sua voz a Lumière de *A Bela e a Fera*.

Mas o resultado pode ser desastoso. Fora da Disney, o caso mais famoso foi o do comediante Bussunda, que dublou Shrek nos dois primeiros filmes da saga que leva o nome do protagonista. O dublador Mauro Ramos assumiu o personagem depois da morte do humorista, em 2006. O que não foi divulgado na época, mas acabou se tornando público posteriormente, é que Mauro já havia dublado Shrek no primeiro filme, e Bussunda utilizou a voz do dublador como um guia.

Na dublagem, a voz no idioma original é ouvida pelo dublador em um fone de ouvido, enquanto este lê o texto traduzido e o interpreta, colocando as emoções, assistindo a cena em uma tela à sua frente. No caso de Bussunda, ele ouviu a versão já dublada, como uma “ajuda”.

Assim como Bussunda não soube entregar emoção em sua voz, é consenso que Juliana Paes também dublou muito mal a Tigresa em *Kung Fu Panda*. A atriz foi convidada apenas por ser uma estrela, já que a voz original era da também atriz Angelina Jolie. Nas sequências de *Kung Fu Panda*, Juliana foi substituída na personagem pela profissional Maíra Góes.

Outro caso de troca de Star Talent em razão de um resultado ruim foi Sally em *Carros*. Priscila Fantin fez a voz da personagem no primeiro filme, mas depois foi substituída pela dubladora Priscila Amorim. Em ambos os casos, Juliana Paes e Priscila Fantin são atrizes, mas não dominam a técnica da dublagem.

Imagens: Divulgação/Disney e Dreamworks.



Da esquerda para a direita: Bussunda, Priscila Fantin, Juliana Paes e Lúcio Mauro Filho, que dublou Po. O ator foi tão elogiado que participou dos três filmes da saga

Todos os exemplos citados acima envolvem personagens com um certo protagonismo. Vamos aos coadjuvantes ou pequenas participações:

Olaf, de *Frozen*, foi dublado por Fábio Porchat, ator e comediante famoso pelo seu trabalho no canal Porta dos Fundos, do YouTube. O resultado foi tão bom que Olaf roubou a cena, mesmo não sendo o protagonista. O filme *Luca*, lançado no Disney+ durante a pandemia, conta com Cláudia Raia emprestando sua voz à Signora Mastroianni. É uma pequena participação, que não atrapalha a continuidade do filme, e ainda mostra que a atriz foi capaz de dar conta do recado.

Ao contrário dela, temos vários casos de pontas em filmes que não deram muito certo. É o exemplo de Pedro Bial em *Shrek 2*, que dublou a irmã feia Doris. A escolha do jornalista para a personagem se baseou no original, onde o apresentador Larry King foi convidado a fazer a voz da meia-irmã de Cinderela. Mesmo sendo apenas uma participação, a voz de Pedro Bial é extremamente conhecida, e acaba tirando a atenção do filme. Sem falar na falta de interpretação, facilmente notável.

A cantora Cláudia Leitte também foi chamada para uma ponta, desta vez em *Carros 2*, como a competidora brasileira Carla Veloso. É outra participação pequena de um Star Talent, que novamente mostra a necessidade de alguém com mais expertise para atuação e para a dublagem.

Imagens: Divulgação/Disney e Dreamworks. Montagem da última foto por Dublapédia Brasil.



Como é de costume, a Disney divulga imagens promocionais do filme junto dos Star Talents. Pedro Bial acabou sendo substituído pelo dublador Maurício Berger em *Shrek 3*.

E qual conclusão podemos tirar disso tudo? Atores, cantores, apresentadores, todos já foram chamados para dublar, mas mesmo entre os atores houve resultados ruins. Se há essa necessidade de chamar alguém de fora do meio da dublagem para usar como marketing para o filme, por que não fazem testes antes, e verificam se o resultado vai ser bom? Os dubladores profissionais, para serem escalados para seus personagens, têm que fazer testes de voz, sem certeza se serão aprovados ou não.

Por que não há o mesmo critério com os Star Talents? Se são vozes importantes para a totalidade do filme, por que não há um cuidado maior com a escolha de vozes?

A estratégia de marketing precisa de mais cuidado. A empresa não vai parar de usar famosos para divulgar seu filme, e isso é um fato. *Divertida Mente* contou com 5 Star Talents no elenco principal: Miá Mello, Katiúscia Canoro, Otaviano Costa, Dani Calabresa e Léo Jaime, como os personagens Alegria, Tristeza, Medo, Nojinho e Raiva, respectivamente. Os cinco fizeram um trabalho muito bom, mas não dá para negar que foi arriscado da parte da Disney.

Para os próximos filmes, a empresa deveria realizar testes com os Star Talents e verificarem se eles são capazes de interpretar corretamente, para que não haja um Luciano Huck 2.0.



Quem sou eu?

Este website foi desenvolvido por Pedro Augusto Borges Correa como Trabalho de Conclusão de Curso para conclusão da graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da professora Isabel Colucci Coelho.

Todas as informações disponíveis neste site não tem como objetivo o lucro ou qualquer ganho financeiro.



Minha história

Um pequeno ser humano curioso que queria saber, a todo custo, como *Chaves* era gravado no México mas os personagens falavam português. Uma criança, que, com 10 anos de idade, já assimilava as vozes de diferentes desenhos animados e ficava se perguntando quem eram as pessoas por trás das figuras na televisão.

Quando a internet ainda engatinhava e era necessário usar a conexão discada, o tempo livre deste garoto era utilizado para pesquisar curiosidades e mais informações sobre o universo da TV, das animações, dos filmes e da dublagem. Anos depois, se tornou jornalista, e como uma pessoa que preza pela informação de qualidade, se viu impulsionado a homenagear aqueles a quem é fã e também valorizar a produção nacional.

Contato

Entre em contato com o Dubladoo e mande a sua sugestão, elogio ou crítica (respeitosa, é claro!).

dubladoo.site@gmail.com

